

ALICE SEMEDO | SAMARA DUARTE | MATILDE GOMES



ENSAIOS E PRÁTICAS

EM MUSEOLOGIA **Volume 13**

**TÍTULO**

ENSAIOS E PRÁTICAS EM MUSEOLOGIA

**VOLUME**

13

**COMISSÃO EDITORIAL**

Alice Semedo

Samara Duarte

Matilde Gomes

**COMISSÃO DE REVISÃO CIENTÍFICA**

Alice Duarte

Alice Semedo

Paula Menino Homem

**EDIÇÃO**

Universidade do Porto / Faculdade de Letras (FLUP) / Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP) / Mestrado em Museologia (MMUS)

**LOCAL DE EDIÇÃO**

Porto

**ANO**

2026

**ISBN**

978-989-9193-92-5

**DOI**

<https://doi.org/10.21747/978-989-9193-92-5/ens>

**FOTOGRAFIA DA CAPA**

Museu da Chapelaria.

© Matilde Gomes, 2025

**ALOJADO EM**

<https://ebooks.lettras.up.pt/>

**RESPONSABILIDADE**

No caso de inclusão de elementos protegidos por direitos de propriedade intelectual, a obtenção da respetiva autorização é da responsabilidade exclusiva dos autores.

# Sumário

# Sumário

**Apresentação** ..... **vii**

**Samara Duarte**

O Arquivo de Memórias dos Serviços Educativos em Museus: um Arquivo Vivo como Proposta para uma Memória Plural. .... 01

**Inês dos Santos Martins Batista**

Conservação preventiva de coleções de chapelaria contemporânea: O caso da coleção de Luís Stoffel no Museu da Chapelaria ..... 16

**Maria Manuel da Silva Gomes**

A coleção de bilhética do Museu do Carro Eléctrico ..... 33

**Rita Ladeiro**

Museus de Cidade e Complexidade Urbana: Entre Valores, Território e Participação ..... 45

**Matilde Gomes**

Ecos da diáspora em museus: o caso da ilha grega de Lesbos ..... 58

**Irene Canocchi**

Um Espaço de Transformação entre Escola e Museu: Conceção de um *Toolkit* para Consciência Linguística e Aprendizagem Participativa ..... 70

# Apresentação

## **Apresentação**

Ao longo das suas diferentes edições, *Ensaaios e Práticas em Museologia* tem procurado afirmar-se como um espaço de reflexão crítica e de divulgação da investigação desenvolvida no âmbito do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A revista constitui, assim, um lugar de encontro entre perspetivas, experiências, interrogações e propostas que contribuem para o aprofundamento do debate em torno dos museus, do património e das práticas museológicas. Embora enraizado na investigação produzida no contexto do mestrado, este volume integra igualmente o contributo de uma estudante de doutoramento, testemunhando a continuidade de um percurso de investigação que se prolonga para além dos ciclos formais de formação e reforçando o diálogo entre diferentes etapas da investigação em museologia.

Os trabalhos reunidos neste volume refletem a diversidade de interesses, questões e abordagens que atravessam a museologia contemporânea. Esta diversidade de percursos académicos permite reunir abordagens que cruzam reflexão teórica, estudos de caso e experiências desenvolvidas em contexto institucional, revelando a riqueza e a pluralidade de um campo que continua a interrogar os seus objetos, os seus métodos e os seus compromissos sociais.

Os textos aqui reunidos abordam um conjunto diversificado de problemáticas que atravessam o campo museológico, entre as quais se destacam questões relacionadas com memória institucional, gestão e conservação de coleções, património urbano, educação museológica e o papel social dos museus em contextos marcados por profundas transformações culturais e políticas. Embora distintos nos seus temas, escalas de análise e enquadramentos metodológicos, os diferentes textos convergem numa preocupação comum: compreender de que forma os museus participam na construção de memórias, na atribuição de significados e na configuração das relações que estabelecem com os seus públicos, os seus territórios e as suas comunidades. Em diferentes contextos, todos os trabalhos aqui reunidos nos convidam a refletir sobre

aquilo que é preservado e valorizado, sobre quem participa nesses processos e sobre os significados que deles emergem.

A reflexão sobre os arquivos e a memória institucional constitui um dos eixos presentes neste número. Neste âmbito, Samara Duarte analisa criticamente a ausência de registos das práticas dos serviços educativos nos arquivos museológicos, propondo a criação de um arquivo de memórias capaz de reconhecer e documentar estas experiências enquanto parte integrante da história das instituições culturais. O artigo problematiza o arquivo enquanto dispositivo político e simbólico, capaz de tornar visíveis práticas historicamente marginalizadas no interior dos museus. Ao fazê-lo, recorda-nos que os arquivos não são apenas lugares de conservação, mas também espaços onde se definem presenças e ausências, reconhecimentos e silenciamentos, memórias legitimadas e memórias ainda por inscrever.

As questões relacionadas com o estudo e a gestão de coleções são igualmente abordadas em diferentes contributos. Inês Batista apresenta uma investigação, desenvolvida no Museu da Chapelaria, dedicada à conservação preventiva de uma coleção contemporânea de chapelaria do designer Luís Stoffel. O estudo analisa os materiais constituintes das peças, os agentes de deterioração e as condições de acondicionamento, propondo estratégias de conservação e gestão de risco aplicadas ao contexto museológico. Mais do que uma reflexão estritamente técnica, o trabalho evidencia a importância do conhecimento aprofundado dos objetos e das suas materialidades para assegurar a sua preservação e transmissão futura.

A dimensão documental e social das coleções é também explorada por Maria Gomes, que se debruça sobre a coleção de passes de transporte do Museu do Carro Eléctrico. Através da inventariação, registo e contextualização histórica destes objetos, evidencia o potencial desta coleção enquanto testemunho da memória social e da história urbana, culminando na proposta de uma exposição temporária dedicada a este conjunto documental. O estudo demonstra como objetos aparentemente banais e quotidianos podem constituir importantes mediadores de narrativas sobre mobilidade, trabalho, sociabilidade e transformação urbana.

Num plano mais amplo, a relação entre museus, territórios e sociedade é analisada por Rita Ladeiro, que discute o modelo contemporâneo de museu de cidade no contexto da crescente complexidade urbana. O artigo examina o potencial destas instituições enquanto fóruns democráticos e plataformas de participação cívica, capazes de articular memória, património e governança cultural num cenário urbano cada vez mais complexo e plural. A reflexão contribui para repensar o papel dos museus de cidade não apenas como espaços de representação do passado, mas também como agentes ativos na construção de diálogos sobre os desafios e as possibilidades do presente urbano.

A dimensão social e política dos museus é igualmente explorada por Matilde Gomes, cujo estudo se centra no papel das instituições museológicas na abordagem do património difícil associado às migrações contemporâneas. A partir do caso da ilha de Lesbos, na Grécia, analisa-se de que forma as práticas de ativismo museológico e as colaborações com comunidades deslocadas podem contribuir para promover empatia, inclusão e reflexão crítica sobre fenómenos migratórios. Num momento em que as migrações ocupam um lugar central no debate público europeu, o artigo convida a pensar os museus como espaços capazes de acolher narrativas complexas, promover o diálogo e contribuir para formas mais críticas e humanizadas de compreender a deslocação e a pertença.

Por fim, Irene Canocchi dedica-se à relação entre museus e educação, analisando o potencial das colaborações entre museus e escolas enquanto espaços de aprendizagem participativa e transformação social. O artigo apresenta a conceção de um *toolkit* educativo destinado a apoiar práticas pedagógicas colaborativas, sublinhando a importância do diálogo, da escuta ativa e da coconstrução de conhecimento. A proposta reforça a importância das relações entre museus e escolas enquanto territórios de encontro, experimentação e construção partilhada de significados.

No seu conjunto, os trabalhos reunidos neste volume evidenciam a diversidade de interesses e abordagens presentes na investigação museal atual. Entre arquivos e memórias institucionais, coleções e materialidades, cidades, migrações e processos

educativos, os textos refletem a multiplicidade de papéis que os museus assumem atualmente enquanto espaços de construção e partilha de conhecimento, mediação cultural e debate público.

Lidos em conjunto, estes textos revelam uma preocupação transversal com as formas como os museus respondem aos desafios do presente – não apenas preservando patrimónios e construindo conhecimento, mas também interrogando ausências, tornando visíveis experiências frequentemente marginalizadas e criando condições para formas mais participativas, reflexivas e socialmente implicadas de ação.

A equipa editorial agradece a todos os autores, orientadores e instituições que contribuíram para a concretização desta edição e convida o leitor a percorrer estas páginas não apenas como observador, mas como participante de uma reflexão em curso. Num momento em que os museus são chamados a responder a desafios cada vez mais complexos, os textos aqui reunidos recordam-nos que a museologia continua a ser um campo de perguntas, de experimentação e de possibilidades.

Alice Semedo, Samara Duarte, Matilde Gomes.

# Samara Duarte

samararduarte@gmail.com<sup>1</sup>

## O Arquivo de Memórias dos Serviços Educativos em Museus: um Arquivo Vivo como Proposta para uma Memória Plural.

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta uma síntese da dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intitulada Arquivo de Memórias dos Serviços Educativos em Museus: Fundamentos, Propostas e Desafios para uma Memória Plural, orientada pelas Professoras Doutoradas Alice Semedo e Inês Ferreira. Trabalho completo disponível no Repositório Aberto da Universidade do Porto em: <https://hdl.handle.net/10216/170769>

### Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão crítica sobre a ausência de memória institucional dos serviços educativos em museus, compreendida como um fenómeno estrutural associado a hierarquias internas, regimes de legitimação do conhecimento e desigualdades persistentes no campo museológico. Partindo da investigação desenvolvida no âmbito da dissertação de mestrado *Arquivo de Memórias dos Serviços Educativos em Museus: Fundamentos, Propostas e Desafios para uma Memória Plural*, analisa-se o papel do arquivo enquanto dispositivo político e simbólico, capaz de tornar visíveis práticas educativas historicamente marginalizadas. O texto discute os limites dos modelos arquivísticos tradicionais face à natureza relacional e efémera da educação museológica e apresenta o protocolo meCHive como referência metodológica para a construção de arquivos de memórias dos serviços educativos.

**Palavras-chave:** memória institucional; museologia pós-crítica; educação em museus; arquivos comunitários.

### Nota Biográfica

Samara Duarte é licenciada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil) e mestre em Museologia pela Universidade do Porto, com experiência nas áreas de museus, arquivos e educação. A sua investigação centra-se em arquivos de serviços educativos, memória, museologia pós-crítica e práticas participativas, com especial interesse nas relações entre memória, género, justiça social e instituições culturais.

### Abstract

This article offers a critical reflection on the absence of institutional memory concerning museum education services, understood as a structural phenomenon linked to internal hierarchies, regimes of knowledge legitimisation, and persistent inequalities within the museum field. Drawing on the research developed in the master's dissertation *Arquivo de Memórias dos Serviços Educativos em Museus: Fundamentos, Propostas e Desafios para uma Memória Plural*, the article examines the archive as a political and symbolic device capable of making visible educational practices that have historically been marginalised. It discusses the limitations of traditional archival models in relation to the relational and ephemeral nature of museum education and presents the meCHive protocol as a methodological reference for the construction of museum education memory archives.

**Keywords:** institutional memory; post-critical museology; museum education; community archives.

### Biographical Note

Samara Duarte holds a Bachelor's degree in History from the Federal University of Rio de Janeiro and a Master's degree in Museology from the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto (FLUP), with experience in museums, archives and education. Her research focuses on archives of museum education services, memory studies, post-critical museology and participatory practices, engaging with issues related to memory, gender, social justice and cultural institutions.

## Introdução

Nos museus contemporâneos, os serviços educativos ocupam um lugar central nas instituições. São estes serviços que mediam discursos curatoriais, promovem experiências pedagógicas, constroem diálogos entre conhecimento especializado e saberes situados e contribuem para a democratização do acesso à cultura. No entanto, apesar dessa centralidade prática, as ações educativas permanecem, em grande medida, ausentes dos arquivos institucionais e, conseqüentemente, da memória oficial dos museus.

Essa ausência não pode ser compreendida como um simples problema técnico ou como resultado da falta de recursos. Trata-se de uma questão estrutural, relacionada com hierarquias institucionais e regimes de visibilidade. Historicamente, os arquivos museológicos privilegiaram coleções, exposições, documentação administrativa e produção curatorial, afastando as práticas de mediação e educativas, frequentemente efémeras, relacionais e processuais, para um lugar secundário ou mesmo inexistente nos sistemas de memória institucional.

Assim, o apagamento das práticas educativas dos arquivos produz efeitos profundos. Por um lado, compromete a continuidade institucional e acaba por dificultar a transmissão de metodologias, saberes e experiências entre gerações de profissionais. Por outro, contribui para a desvalorização simbólica dos serviços educativos, reforçando a percepção de que o seu trabalho é acessório, transitório ou meramente instrumental. Essa situação afeta não apenas a memória das instituições, mas também as condições de reconhecimento profissional, de formação e de investigação no campo da educação museal.

A problemática torna-se ainda mais complexa quando se considera que os serviços educativos são historicamente marcados por processos de feminização e precarização. Associadas a funções de cuidado, docência e mediação, tradicionalmente atribuídas ao feminino, essas práticas foram frequentemente enquadradas como vocacionais, naturais ou secundárias, o que contribuiu para a sua invisibilidade nos diagnósticos institucionais e nos registos. Assim, o apagamento da memória dos serviços

educativos não é neutro: ele reflete e reproduz desigualdades estruturais relacionadas com género, poder e produção de conhecimento.

Partindo desse contexto, este artigo sustenta que os arquivos constituem um sítio político. Os arquivos não são dispositivos neutros de armazenamento, mas instâncias de legitimação que definem o que será lembrado, esquecido ou silenciado no interior das instituições culturais. Como demonstram autores como Derrida (2001) e Foucault (2008), o arquivo está intrinsecamente ligado a regimes de autoridade e de verdade, operando como um mecanismo que organiza o passado e orienta as possibilidades do futuro. Questionar a ausência de serviços educativos nos arquivos implica, portanto, questionar os próprios critérios que sustentam a memória institucional dos museus.

É nesse horizonte crítico que se insere esse artigo, síntese da dissertação de mestrado intitulada "Arquivo de Memórias dos Serviços Educativos em Museus: Fundamentos, Propostas e Desafios para uma Memória Plural". O estudo propõe a criação de um arquivo de memória dos serviços educativos como estratégia para enfrentar o apagamento histórico dessas práticas, reconhecendo a memória como um fenómeno coletivo, relacional e em constante transformação.

Inspirado no protocolo meCHive, desenvolvido por Sara Torres Vega (2016), e articulado com a Grounded Theory construtivista (Charmaz, 2014), o artigo apresenta um modelo de arquivo que não se limita à custódia documental, mas que incorpora experiências, narrativas, afetos e processos pedagógicos. O objetivo é contribuir para uma conceção de arquivo capaz de acolher a complexidade das práticas educativas, transformando-o num espaço de escuta, reflexão e ativação contínua da memória.

Ao propor esse deslocamento, o artigo procura demonstrar que preservar a memória dos serviços educativos não é apenas uma tarefa de organização documental, mas uma prática de cuidado institucional e de justiça simbólica. Reconhecer, documentar e ativar essas memórias significa afirmar o papel estratégico da mediação nos museus e criar condições para uma memória museal mais plural, crítica e inclusiva.

## 1. Arquivo, Memória e Poder

A compreensão do arquivo como um simples repositório técnico de documentos tem sido amplamente questionada pelas abordagens críticas da arquivística, da filosofia e dos estudos da memória. Longe de constituir um espaço neutro de armazenamento, o arquivo é um dispositivo ativo de poder, responsável por legitimar determinadas narrativas, silenciar outras e estruturar os regimes de visibilidade que sustentam a memória institucional. Essa perspectiva é particularmente relevante quando se analisa a ausência sistemática de práticas educativas nos arquivos dos museus.

A origem etimológica do termo “arquivo” já revela essa dimensão política.

Derivado do grego *arkheîon*, o arquivo designava a casa do arconte, figura investida de autoridade administrativa e jurídica na pólis. Era sob a guarda dessa autoridade que se depositavam os documentos considerados fundamentais para a organização da vida coletiva. Como sublinha Derrida (2001, p. 12-13), o arquivo nasce inseparável da autoridade que o legitima, uma vez que “não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade”. A raiz *arkhê* significa simultaneamente “origem” e “comando” e evidencia que o arquivo é, desde a sua génese, um instrumento de ordenação, governação e legitimação da memória.

Derrida (2001, p.29) afirma que o arquivo não se limita a conservar conteúdos do passado, mas também condiciona o próprio surgimento do que pode ser arquivado e sua relação com o futuro. Para o autor, a estrutura técnica do arquivamento determina o conteúdo arquivável, de modo que arquivar não é apenas registrar, mas produzir o evento. O arquivo, assim, deixa de ser mero depósito e passa a operar como instância ativa e politicamente situada de constituição da memória.

Michel Foucault (2008) radicaliza essa compreensão ao deslocar o conceito de arquivo do plano material para o plano discursivo. Em *A Arqueologia do Saber*, o autor define o arquivo como o sistema que rege o aparecimento dos enunciados, estabelecendo “a lei do que pode ser dito” e as condições de possibilidade do discurso em determinado contexto histórico (Foucault, 2008, p. 147). O arquivo não é, portanto,

a soma dos documentos existentes, mas o conjunto de regras que organiza a produção, a circulação e a legitimação do saber.

Essa definição permite compreender o arquivo como um verdadeiro regime de verdade, profundamente implicado nas relações entre saber e poder. Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (1996, p. 8-9) evidencia que toda sociedade institui procedimentos de controlo, seleção e redistribuição do discurso, com o objetivo de regular os efeitos considerados perigosos. O arquivo participa diretamente desses procedimentos, ao definir quais discursos entram na memória institucional e quais permanecem à margem ou são silenciados.

No contexto museológico, essa lógica manifesta-se de forma evidente. Os arquivos institucionais tendem a privilegiar documentos ligados à curadoria, à administração, às coleções e às exposições, reforçando uma hierarquia de saberes que coloca essas áreas no centro da produção de conhecimento museal. As práticas educativas, por sua vez, frequentemente situadas no campo do efémero, da relação e da experiência, raramente encontram lugar nesses sistemas de memória. Quando documentadas, são muitas vezes reduzidas a relatórios técnicos, listas de atividades ou dados quantitativos, esvaziados do seu contexto pedagógico, relacional e simbólico.

De facto, esta exclusão não é casual, e tal como Foucault (1996, p. 10) refere, o discurso é sempre objeto de disputa, pois “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Os arquivos, enquanto dispositivos que regulam o acesso ao discurso e à memória, refletem as prioridades e os valores das instituições que os produzem. Ao privilegiarem determinados tipos de documento e de autoria, contribuem para a naturalização de hierarquias internas e para a marginalização de práticas consideradas secundárias.

No caso dos serviços educativos, essa marginalização é reforçada pela associação histórica da educação ao cuidado, à oralidade e à feminização, dimensões tradicionalmente desvalorizadas nos regimes formais de documentação. Assim, a ausência da memória das práticas dos serviços educativos nos arquivos não pode ser

entendida como uma falha acidental, mas como efeito de uma política da memória que hierarquiza saberes e define o que merece ser preservado.

Deste modo, repensar o arquivo sob esta perspectiva implica reconhecer que toda prática arquivística e de documentar é também uma prática política. Documentar significa decidir o que merece existir como memória institucional. Ou seja, questionar a ausência dos serviços educativos nos arquivos dos museus significa, portanto, interrogar os critérios que sustentam essa ausência e os efeitos que ela produz na construção da história museal. É nesse horizonte crítico que se torna possível imaginar modelos alternativos de documentação, capazes de acolher narrativas plurais, saberes situados e práticas até então invisibilizadas.

## **2. Serviços Educativos: Mulheres, Precarização e Apagamento**

A invisibilidade das práticas educativas nos arquivos museológicos não pode ser dissociada das dinâmicas históricas de género que atravessam a constituição dos serviços educativos. Apesar de sua centralidade no quotidiano dos museus, esses serviços foram progressivamente enquadrados como áreas secundárias, associadas ao cuidado, à docência e à mediação, domínios tradicionalmente atribuídos ao feminino e, por isso, frequentemente desvalorizados no interior das instituições culturais.

A feminização da educação em museus não é um fenómeno recente. Como demonstra Carmen Mörsch (2016, p. 8), na *documenta 12*, menos de 5% dos candidatos às posições de mediação eram homens, o que confirma a predominância feminina nesse campo. No entanto, essa configuração remonta ao final do século XIX, quando mulheres brancas de classe média passaram a atuar em museus e galerias. A filantropia e a educação surgiam, nesse contexto, como formas socialmente aceitáveis de participação feminina no espaço público, reforçando a associação entre mediação cultural, docência e funções de cuidado (Mörsch, 2016, pp. 8–9).

Essa associação produziu uma contradição estrutural: embora os serviços educativos se tenham tornado fundamentais para a mediação cultural e para a relação com os públicos, o seu estatuto institucional permaneceu fragilizado. Segundo Mörsch

(2016, p. 10), após a Segunda Guerra Mundial, a educação em museus na Alemanha consolidou-se como um campo feminizado e, por isso, desvalorizado, marcado pela suspeita de simplificação do conhecimento científico e pela sua alegada cumplicidade com os públicos. Essa condição contribuiu para a precarização das carreiras e para o enfraquecimento da produção teórica no campo da educação museal.

Em Portugal, embora existam menos estudos específicos sobre os serviços educativos, os dados disponíveis confirmam a feminização do setor museológico de forma geral. Efetivamente, o *Plano para a Igualdade de Género* da entidade Museus e Monumentos de Portugal indica que, em 2024, 65,7% dos trabalhadores da rede pública nacional eram mulheres, como indicado na figura 1 (Museus e Monumentos de Portugal, 2024, p. 9). No entanto, quando se observam os cargos de administração, direção e coordenação, como se pode notar na figura 2, a distribuição por género torna-se mais equilibrada, revelando que a feminização concentra-se sobretudo nas bases do setor (Museus e Monumentos de Portugal, 2024, p. 11).

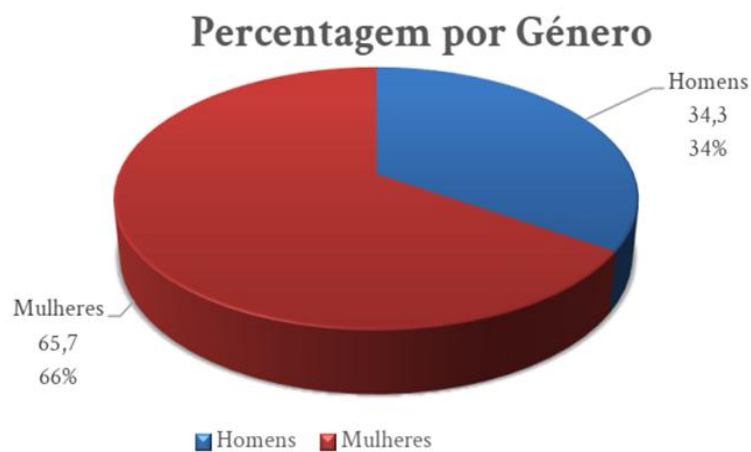


Figura 1. Distribuição de Trabalhadores do MMP por sexo. © Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. 2024.

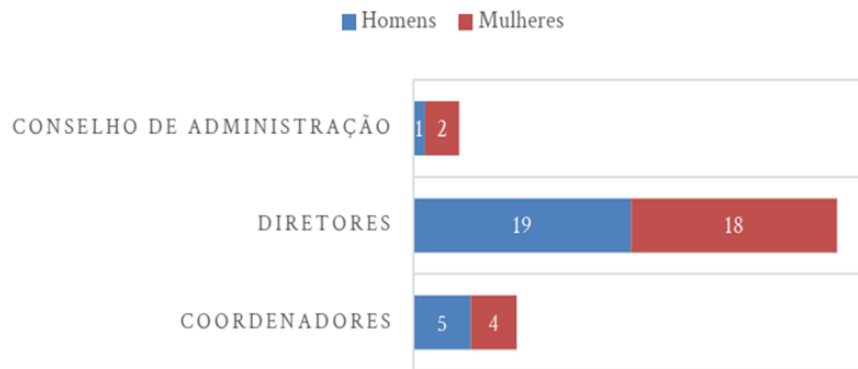


Figura 2. Distribuição por sexo dos cargos de administração, direção e coordenação. © Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. 2024.

Verifica-se também um padrão semelhante no campo do ensino em Portugal. De acordo com o *Relatório Estatístico Anual* da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, as mulheres representam a maioria esmagadora nos níveis iniciais de ensino — 87,4% no 1.º ciclo e 99% na educação pré-escolar, mas a sua presença diminui progressivamente no ensino superior, onde os homens ocupam 53,8% dos cargos docentes (CIG, 2023, p. 42). Esses dados evidenciam uma lógica estrutural na qual a feminização se associa à precarização e à exclusão das posições de maior prestígio e de poder simbólico.

Como Dametto e Esquinsani (2015, p. 150) analisam, a feminização da educação foi historicamente sustentada por um projeto simbólico que associou o magistério a uma “extensão da maternidade”, naturalizando a ideia de que ensinar seria uma vocação feminina e não uma profissão que exige reconhecimento material e intelectual. Consequentemente, esse enquadramento contribuiu para justificar baixos salários, vínculos precários e a desvalorização do trabalho pedagógico.

Guacira Lopes Louro (1997, p. 96) aprofunda essa análise ao demonstrar que a feminização do magistério não resultou do reconhecimento da mulher como produtora de conhecimento, mas da apropriação de atributos tradicionalmente associados ao feminino, como cuidado, sensibilidade e amor, para legitimar a presença das mulheres no campo educativo. Esta lógica simbólica produz efeitos duradouros, entre eles a

infantilização do trabalho docente e a sua exclusão dos regimes formais de autoria e reconhecimento (Louro, 1997, p. 107).

Monbaron (2024, p. 4) demonstra que a educação em museus foi historicamente construída como um campo periférico, feminilizado e precário, tanto no plano simbólico como no espacial. As áreas educativas e os escritórios das educadoras são frequentemente relegados a zonas marginais dos museus, como porões ou corredores secundários, enquanto as exposições, associadas à curadoria e à autoridade intelectual, ocupam os espaços centrais. Essa organização espacial reflete e reforça as hierarquias institucionais e de género.

Além disso, a naturalização das competências associadas à mediação cultural contribui para a sua invisibilização nas relações salariais e de poder. Como observa Monbaron (2024, p. 10), as habilidades das educadoras tendem a ser percebidas como “naturais”, o que resulta na sua desvalorização institucional e na precarização do trabalho. Mesmo discursos museológicos que se apresentam como inclusivos frequentemente reproduzem essa hierarquia ao conceberem a educação apenas como uma ponte funcional entre a exposição e o público, negando-lhe agência crítica.

Esses processos contribuem para a compreensão da razão pela qual as práticas educativas raramente são documentadas de forma sistemática nos arquivos institucionais. O apagamento arquivístico dos serviços educativos é, deste modo, inseparável das dinâmicas de género que estruturam o campo museológico. Sendo maioritariamente exercidas por mulheres, tais práticas são frequentemente consideradas secundárias e, por conseguinte, excluídas da memória oficial das instituições.

A valorização da memória dos serviços educativos implica, portanto, o reconhecimento de que o conhecimento museal não é produzido meramente a partir de objetos, exposições ou discursos curatoriais, mas também, e de forma decisiva, nas relações pedagógicas construídas entre profissionais, públicos e comunidades. A visibilidade destas práticas através dos arquivos de memórias dos serviços educativos é

um passo fundamental para enfrentar o apagamento histórico e afirmar os serviços educativos como eixo estruturante do museu contemporâneo.

### **3. Do meCHive ao Arquivo Vivo: Estrutura e Etapas do Processo.**

Se as secções anteriores evidenciaram que o apagamento das práticas educativas resulta de regimes de poder, memória e género, torna-se necessário apresentar caminhos metodológicos capazes de enfrentar essa ausência.

Nesse contexto, o protocolo meCHive, desenvolvido por Sara Torres Vega (2016), constitui uma referência fundamental. A partir de sua investigação de doutoramento, a autora identifica uma “perda de memória” estrutural no campo da educação museal e propõe o meCHive como um modelo acessível para documentar práticas educativas a partir de seis princípios orientadores: participação, visibilidade, formato, autenticidade, formação e investigação (Vega, 2016). O principal contributo do protocolo reside no reconhecimento de que arquivar as práticas de mediação em museus implica acolher não apenas documentos formais, mas também narrativas, experiências e contextos, respeitando o sentido original das práticas e os sujeitos envolvidos.

Todavia, ao dialogar com os debates contemporâneos sobre memória e arquivo, esta investigação identifica a necessidade de aprofundar a dimensão processual do meCHive. Embora o protocolo ofereça princípios sólidos, a proposta aqui apresentada procura deslocar o arquivo de memórias dos serviços educativos de uma lógica predominantemente repositória para uma compreensão do arquivo como processo contínuo, em construção permanente.

É neste sentido que se introduz o conceito de Arquivo Vivo (Figura 3), entendido como uma atualização crítica do meCHive. O Arquivo Vivo preserva os seis princípios formulados por Vega (2016), mas propõe a sua reorganização numa lógica cíclica, dinâmica e retroalimentada. Esta abordagem permite que o arquivo se construa a partir do campo, das práticas e das vozes envolvidas, assumindo-se como uma ecologia de práticas documentais em permanente transformação.

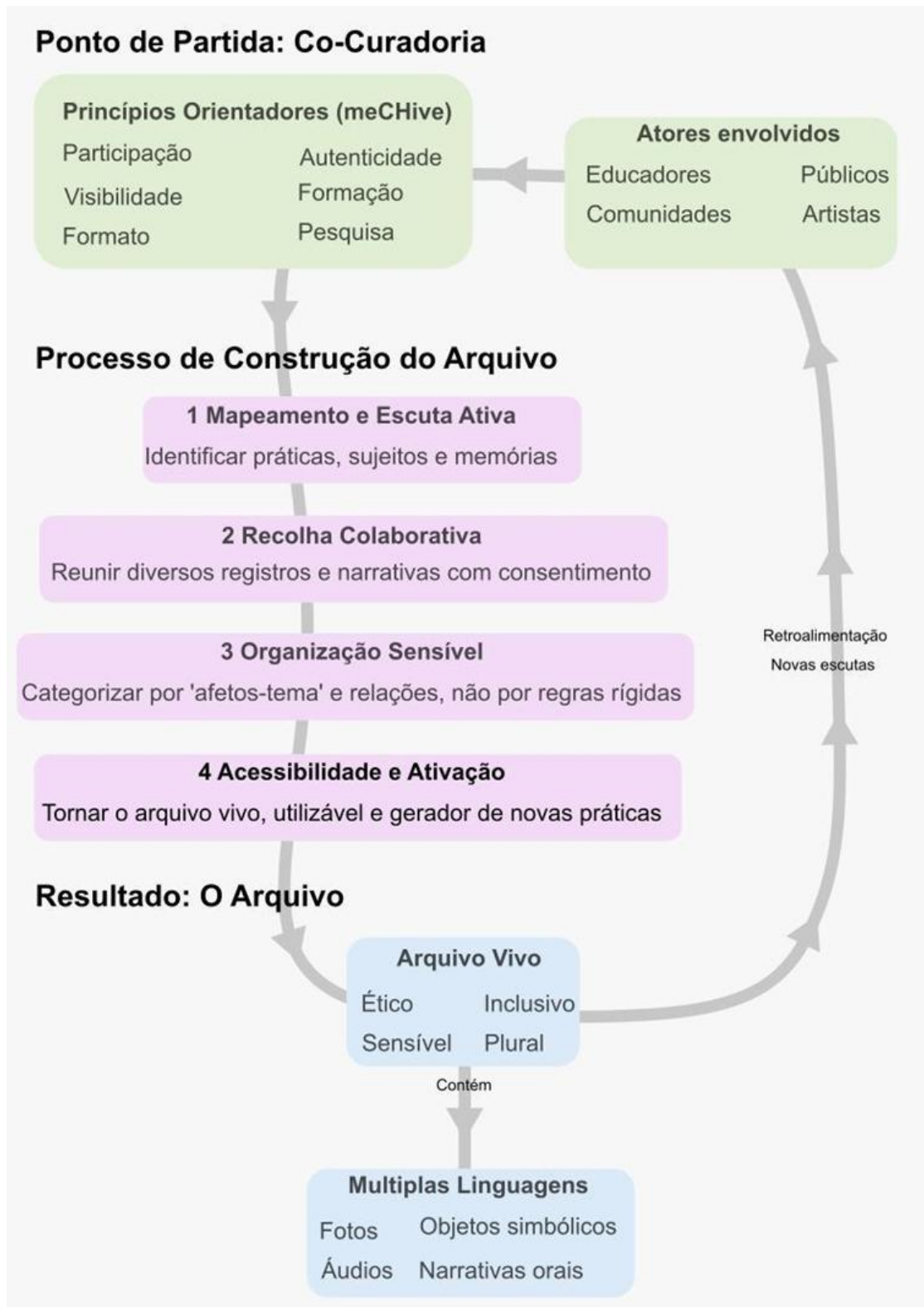


Figura 3. Fluxograma do processo de construção do arquivo de memórias dos serviços educativos segundo os princípios do protocolo meCHive. © Samara Duarte, 2025.

Este modelo tem como ponto de partida a cocuradoria, entendida como princípio transversal que orienta todo o dispositivo. Esta abordagem assenta nos princípios orientadores do meCHive — participação, visibilidade, formato, autenticidade, formação e pesquisa (Vega, 2016) — e na implicação direta dos atores envolvidos, nomeadamente mediadores, públicos, comunidades e artistas, cuja participação informa e transforma continuamente o arquivo.

A partir deste enquadramento, desenvolve-se uma dinâmica de construção do arquivo estruturada em quatro movimentos interdependentes. O primeiro corresponde ao mapeamento e à escuta ativa, orientados para a identificação de práticas, sujeitos, memórias e contextos do serviço educativo, integrando tanto documentação existente quanto narrativas orais e experiências vividas.

O segundo movimento consiste na recolha colaborativa, concebida como uma prática participativa e ética, baseada no consentimento e na partilha de responsabilidades, que reconhece a pluralidade de registos e narrativas como constitutiva da memória educativa.

O terceiro movimento refere-se à organização sensível, que propõe uma lógica relacional de articulação dos conteúdos, baseada em afetos, temas e relações, em detrimento não apenas de classificações rígidas, o que permite leituras múltiplas e não lineares do arquivo.

O quarto movimento corresponde à acessibilidade e ativação, assegurando que o arquivo se mantenha vivo, utilizável e gerador de novas práticas, através da sua mobilização em ações de mediação.

O resultado deste percurso é a constituição de um Arquivo Vivo, caracterizado como ético, inclusivo, sensível e plural, que integra múltiplas linguagens — como fotografias, objetos simbólicos, áudios e narrativas orais — e reflete a diversidade das experiências educativas em contexto museal.

A retroalimentação assume-se como elemento estruturante do modelo: cada ativação do arquivo gera novas escutas e novos registos, reiniciando o ciclo e assegurando a sua continuidade. Deste modo, o Arquivo Vivo não se configura como

uma estrutura finalizada, mas como uma ecologia de práticas documentais em construção permanente, capaz de acompanhar as transformações das práticas de mediação.

## **Considerações Finais**

Este artigo procurou demonstrar que a ausência das memórias dos serviços educativos não é uma lacuna técnica, mas o resultado de regimes históricos de poder, memória e género que estruturam a produção do conhecimento. Ao analisar o arquivo como dispositivo político e a memória como construção social, evidenciou-se que os serviços educativos, embora centrais para a missão museal, permanecem frequentemente invisibilizados e desvalorizados.

Foi apresentado um modelo orientado para a construção de arquivos de serviços educativos sensíveis à experiência, à participação e à pluralidade. Compreender este arquivo como processo vivo implica reconhecer que documentar práticas educativas também é uma forma de reconhecimento institucional e de afirmação do valor epistemológico dos serviços educativos e da mediação em museus.

Ainda, sem pretender esgotar o debate, este trabalho aponta para a necessidade de aprofundar investigações futuras sobre a implementação concreta desse modelo em diferentes contextos museais, reforçando o papel dos serviços educativos como produtores de memória, conhecimento e sentido no museu contemporâneo.

## **Agradecimentos**

Agradeço às minhas orientadoras, Alice Semedo e Inês Ferreira, pela oportunidade de desenvolver este trabalho e pelas orientações atentas, generosas e sempre oportunas ao longo de todo o percurso, e também, de forma muito especial, à pedagoga Sandra Duarte, minha mãe, que, durante este período, foi também minha guia e confidente, oferecendo apoio, escuta e presença constantes. Agradeço igualmente ao Dr. Carlos Tarjano, que esteve próximo e me acompanhou em diferentes momentos deste mestrado, auxiliando-me de forma decisiva. Por fim, agradeço à Universidade do Porto, que me acolheu e tornou possível este caminho, permitindo-me concluir esta etapa e tornar-me mestre.

## Referências

- Charmaz, K. (2014). Constructing grounded theory.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2023). *Educação, formação e ciência: Indicadores 2022*. CIG. <https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-entre-mulheres-e-homens/indicadores-2022/educacao-formacao-e-ciencia/>
- Dametto, J., & Esquinsani, R. S. S. (2015). Mãe, mulher... professora! Questões de género e trabalho docente na agenda educacional contemporânea. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 37(2), 149–155.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana* (C. de Moraes Rego, Trad.). Relume Dumará.
- Foucault, M. (1996). A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola..
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber* (L. F. B. Neves, Trad.). Forense Universitária.
- Louro, G. L. (1997). *Género, sexualidade e educação: Uma perspetiva pós-estruturalista* (2.ª ed.). Vozes.
- Monbaron, J. (2024). Space, gender, and labor: The case of education in European art museums and institutions. *Investigar em Educação*, 14(2). <https://doi.org/10.25757/INVEP.V14I2.369>
- Mörsch, C. (2016). Numa encruzilhada de quatro discursos: Mediação e educação na documenta 12: Entre afirmação, reprodução, desconstrução e transformação. *Periódico Permanente*, 6, 1–32.
- Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. (2024). *Plano para a igualdade de género*. [https://backend.museusemonumentos.pt/uploads/Plano\\_para\\_a\\_Igualdade\\_de\\_Genero\\_MMP\\_2024\\_196df7384f.pdf](https://backend.museusemonumentos.pt/uploads/Plano_para_a_Igualdade_de_Genero_MMP_2024_196df7384f.pdf)
- Vega, S. T. (2016). *The museum education archive: Tate and the pedagogical museum for children's art as case studies* (Doctoral dissertation, Universidad Complutense de Madrid). <https://hdl.handle.net/20.500.14352/22372>.

# Inês dos Santos Martins Batista

inessmbatista@gmail.com<sup>2</sup>

**Conservação preventiva de coleções de  
chapelaria contemporânea: O caso da  
coleção de Luís Stoffel no Museu da  
Chapelaria**

---

<sup>2</sup> Este artigo apresenta uma síntese da dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intitulada Contributo para a Conservação Preventiva da Coleção de Luís Stoffel no Museu da Chapelaria, orientada pela Professora Doutora Paula Menino Homem, com supervisão das Mestres Tânia Reis e Diana Tavares no Museu da Chapelaria. Trabalho completo disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/170784>

## Resumo

Este artigo sintetiza o Relatório de Estágio, resultante do estágio curricular no Museu da Chapelaria, em São João da Madeira, no âmbito do Mestrado em Museologia (MMUS) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Como objetivo geral do estágio está o contributo para a conservação preventiva de uma coleção de autoria do *designer* português Luís Stoffel, composta por um conjunto de coberturas de cabeça e máscaras de proteção, que empregam múltiplos materiais. Mais especificamente, aferiu-se as condições de acondicionamento da coleção, em contexto de reserva e de transporte. Nesse sentido, caracterizaram-se os objetos, aferiu-se o seu estado de conservação, identificaram-se os agentes de deterioração a que estão expostos e procedeu-se a uma análise do risco inerente. Como resultado, produziu-se documentação de diagnóstico (*condition reports*) e propostas de procedimentos que visam a melhoria do estado de conservação da coleção e das suas condições de acondicionamento, alguns com implementação efetiva.

**Palavras-chave:** museus e museologia; coleções; chapéus; reserva e transporte; gestão do risco; conservação preventiva.

## Nota Biográfica

Inês Batista é licenciada em História (2022) e mestre em Museologia (2025) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Durante o período em que frequentou o mestrado, integrou a Comissão Organizadora da Semana de Museologia, uma iniciativa do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em parceria com o CITCEM, contribuindo para a sua primeira e segunda edições.

## Abstract

This article summarises the internship report resulting from the curricular internship at the Museu da Chapelaria, in São João da Madeira, undertaken as part of the Master's Degree in Museology (MMUS) at the Faculty of Arts and Humanities, Faculty of Arts and Humanities, University of Porto (FLUP). The overall objective was to contribute to the preventive conservation of a collection by Portuguese designer Luís Stoffel, consisting of head coverings and protective masks made from multiple materials. More specifically, the collection's storage and transport conditions were examined. The objects were characterised, their state of conservation was assessed, the agents of deterioration to which they are exposed were identified, and an analysis of the associated risks was carried out. As a result, diagnostic documentation (*condition reports*) and proposals for procedures aimed at improving the conservation status of the collection and its storage conditions were produced, some of which have already been implemented.

**Keywords:** museums and museology; collections; hats; storage and transport; risk management; preventive conservation.

## Biographical Note

Inês Batista holds a degree in History (2022) and a Master's degree in Museology (2025) from the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto (FLUP). During her master's studies, she was a member of the Organising Committee of Museology Week, an initiative of the Master's Degree in Museology at the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto, in partnership with CITCEM – Centre for Transdisciplinary Research on Culture, Space and Memory, contributing to its first and second editions.

## Introdução

Este artigo apresenta uma síntese da investigação realizada durante o estágio curricular do Mestrado em Museologia da Universidade do Porto, desenvolvido no Museu da Chapelaria, em São João da Madeira, focada na análise das práticas museológicas desenvolvidas no contexto desta instituição.

A indústria chapeleira estabeleceu-se em São João da Madeira no início do século XIX, tornando-se, no século XX, o principal centro produtor de chapéus em Portugal, até entrar em crise na década de 1970 e culminar, em 1995, no encerramento da Empresa Industrial de Chapelaria Limitada. Uma década depois, a “Fábrica Nova” desta empresa foi convertida no Museu da Chapelaria, museu de perfil industrial cuja exposição permanente privilegia maquinaria e ferramentas, enquanto a vasta coleção de chapéus se encontra sobretudo em reserva. Neste contexto, a coleção de Luís Stoffel constitui um núcleo particularmente significativo pela sua diversidade de materiais e formas.

De modo a orientar as atividades realizadas ao longo do estágio, estabeleceram-se objetivos gerais, que incluem a realização de uma análise do risco aplicada à coleção de Luís Stoffel, e o contributo para a sua conservação preventiva, potenciando o contexto de acondicionamento em reserva e transporte.

Metodologicamente, adotou-se a observação participante e não participante durante o estágio e a investigação documental, que permitiu a produção de uma revisão da literatura sobre coleções de chapéus, em termos das suas características de produção e conservação preventiva.

A pesquisa documental abrangeu ainda a consulta de documentação do museu sobre a coleção de Luís Stoffel e permitiu a definição de uma metodologia de avaliação de estado de conservação, apresentada por Suzanne Keene (2002), e uma metodologia de avaliação e gestão do risco, adotando-se o Método ABC (Pedersoli *et al*, 2017) e o modelo de Plano de Conservação Preventiva do antigo Instituto dos Museus e da Conservação (Sousa *et al*, 2007), respetivamente.

## 1. Caracterização da coleção

Luís Stoffel, natural de Santarém, iniciou o seu percurso artístico na dança e veio a desenvolver competências de figurinista. Desde 2002, colabora regularmente com o encenador Filipe La Féria, no Teatro Politeama, como adrecista de guarda-roupa e responsável pelas peças de chapelaria, tendo também apresentado criações em produções de moda, televisão, eventos, marchas populares e exposições. Em 2022, doou ao Museu da Chapelaria uma coleção de peças da sua autoria, divulgada na exposição temporária “Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria”. Atualmente, esta coleção permanece na Reserva 2 da instituição e está disponível para itinerância.

Esta coleção é composta por 77 objetos, alguns dos quais estão representados na Figura 1, cuja produção se enquadra cronologicamente entre 2005 e 2022. A documentação do museu permite identificar quatro grandes contextos de produção e utilização: espetáculo, moda e eventos sociais, cerimónias e eventos, e máscaras faciais de proteção individual produzidas durante a pandemia do *Covid-19*. Para a denominação dos objetos utilizam-se sete categorias: *fascinator*, acessório de cabeça escultural, chapéu, toucado, capeline, cartola e máscara, verificando-se a predominância de *fascinators* e acessórios de cabeça esculturais.



Figura 1. Objetos pertencentes à coleção de Luís Stoffel no Museu da Chapelaria. © Inês Batista, 2025.

A observação macroscópica e o inventário evidenciam o uso sistemático de combinações de múltiplos materiais, não havendo nenhum objeto constituído por um único tipo de material. Para efeitos de quantificação, agruparam-se os materiais em sete categorias: plástico, têxtil, metal, papel, penas e plumas, vidro e outros. Verificou-se a presença de elementos plásticos em 63 objetos, têxteis em 72, metais em 39, penas e plumas em 58, vidro em 14 e materiais diversos (como vime, plantas secas e pasta de modelar) em 3 objetos (Fig. 2). Verifica-se, ainda, que 10 objetos são compostos por dois tipos de materiais, 31 são compostos por três, 27 por quatro e 8 por cinco (Fig.3).

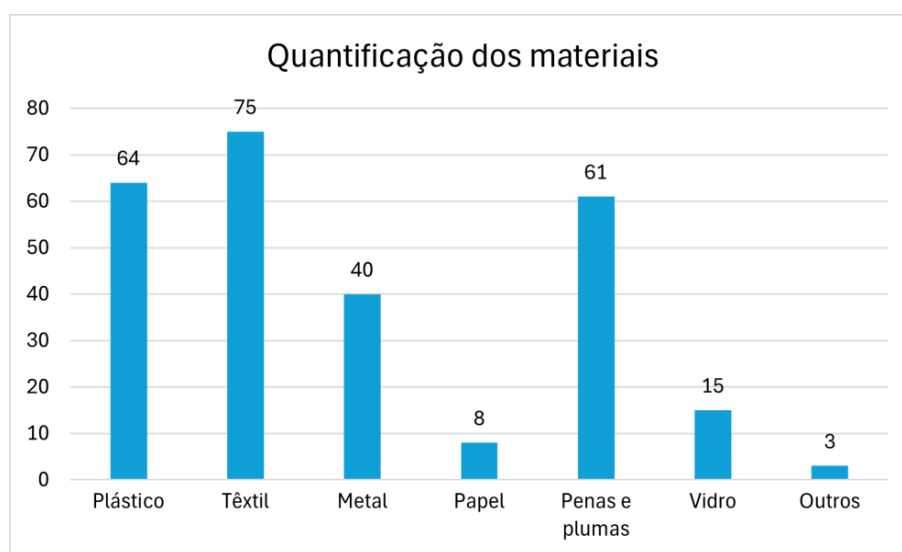


Figura 2. Quantificação da representação dos materiais na coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.

### Quantificação do número de materiais por objeto

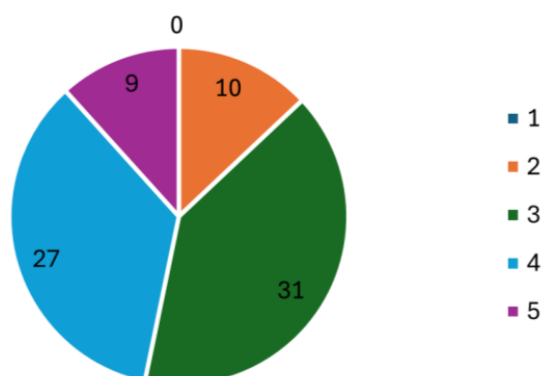


Figura 3. Quantificação do número de diferentes tipos de materiais por chapéu na coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.

Após uma consulta do inventário identificou-se os seguintes materiais:

- Fibras naturais vegetais: ráfia e abacá, utilizado sob a forma de tecido *sinamay*.
- Fibras naturais animais: seda e lã sob a forma de feltro. Em alguns casos, a identificação de seda revela-se duvidosa, sugerindo a presença de tecidos acetinados de fibras sintéticas.
- Materiais têxteis: tecidos de vários tipos, como o feltro natural e sintético, tecidos acetinados, aveludados, seda, tule, *sinamay* e véus de rede.
- Materiais têxteis não identificados: considerando a cronologia de produção, presume-se que estes sejam de natureza sintética.
- Metais: não especificados, utilizados, sobretudo, como elementos estruturais (arames), componentes funcionais (fechos, bandoletes) e elementos decorativos.
- Plásticos: maioritariamente não identificados, aparecem como missangas, pedraria e bandoletes, bem como elásticos cuja natureza (natural, sintética ou mista) não pôde ser determinada. A espuma de etil-vinil acetato (EVA) foi pontualmente identificada.
- Penas e plumas naturais: Elemento identificativo da chapelaria de Luís Stoffel, incluindo penas e plumas de galo, pato, faisão, marabu, avestruz, cegonha, galinha-da-índia e arara.
- Outros materiais: o vidro surge em contas ou vidrilhos, e o papel é usado em elementos decorativos (como flores) e como suporte estrutural interno, sob a forma de cartão.
- Materiais pontuais: o vime, plantas secas e pasta de modelar em três objetos.

Em relação à técnica, os objetos resultam da aplicação de técnicas de *millinery*, com recurso à costura e colagem de múltiplos elementos. As penas são estilizadas através do seu corte, encurvamento e pintura. Fios de metal e cartão são igualmente utilizados como elementos estruturais, que concedem forma e rigidez.

## 2. Estado de conservação

A avaliação do estado de conservação partiu da identificação de uma discrepância entre a informação constante na documentação e os danos verificados na inspeção da coleção.

Optou-se por propor um modelo de relatório de estado de conservação, ou *condition report*, adaptado às características da coleção e a ser preenchido de forma individual, dada a ausência deste tipo de documento no museu, assim como uma escala que permitisse qualificar o estado de conservação de cada objeto de forma adequada. A escala em utilização no museu, integrada no programa de gestão de coleção *Index*, era excessivamente longa, com sete graus, e carecia de uma descrição detalhada para cada grau.

A construção deste modelo apoiou-se na categorização de danos proposta por Keene (2002), que organiza termos para os tipos de dano em oito categorias: danos estruturais maiores e menores, danos superficiais, desfiguração, danos químicos, danos biológicos, depósitos e intervenções anteriores. O relatório resultante inclui os termos para os tipos de dano a serem selecionados, a atribuição do estado de conservação global segundo uma escala, campos para identificação do objeto, descrição detalhada do estado de conservação, registo fotográfico de danos, recomendações e observações.

Para a definição de uma escala de estado de conservação própria, articulou-se a escala apresentada pelo Instituto Português de Museus nas Normas de Inventário Gerais (Pinho & Freitas, 2000) e a escala proposta por Keene (2002), resultando numa escala com 4 graus (Tab. 1).

Tabela 1. Escala de estado de conservação elaborada para a coleção de chapéus de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.

<b>Muito Bom</b>	Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro.
<b>Regular</b>	Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro.
<b>Fraco</b>	Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro.
<b>Mau</b>	Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro.

O preenchimento dos *condition reports* para a totalidade da coleção permitiu atualizar e uniformizar a informação relativa ao estado de conservação dos 77 objetos. A análise dos dados indica que 46% da coleção se encontra em Muito Bom estado de conservação, 49% em estado Regular, 4% em Fraco e 1% em Mau (Fig.4), o que indica uma condição globalmente satisfatória na maioria dos objetos. Contudo, observam-se lacunas, deformações ou sinais de desgaste, sinais de um agravamento relativamente rápido entre a incorporação da coleção (2022) e o início da inspeção sistemática (2024), sublinhando a importância da monitorização regular, do controlo de praga e a necessidade de ações de restauro pontuais.

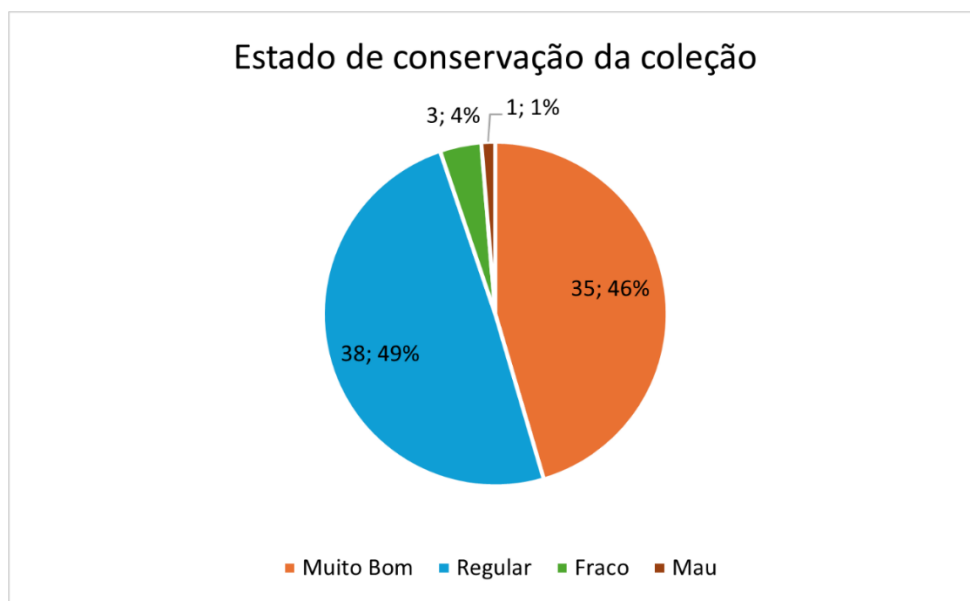


Figura 4. Estado de conservação da coleção © Inês Batista, 2025.

A quantificação dos tipos de dano revelou que os danos estruturais menores são os mais frequentes, consistindo sobretudo em deformações relacionadas com acondicionamento inadequado e pequenas lacunas e orifícios, que são coincidentes com os danos de origem biológica, que foram inteiramente causados por insetos (traça-das-roupas). Esta espécie foi também responsável por uma fragilização significativa das penas em alguns objetos. Os depósitos verificam-se na forma de pó superficial e, num caso, de gordura. Os danos estruturais maiores incluem fraturas de raques de penas e elementos em falta. Os danos superficiais englobam manchas, abrasão e descoloração. Danos químicos, sobretudo corrosão de elementos metálicos e amarelecimento de papel, foram pontualmente registados. Não se verificaram desfigurações nem intervenções anteriores.

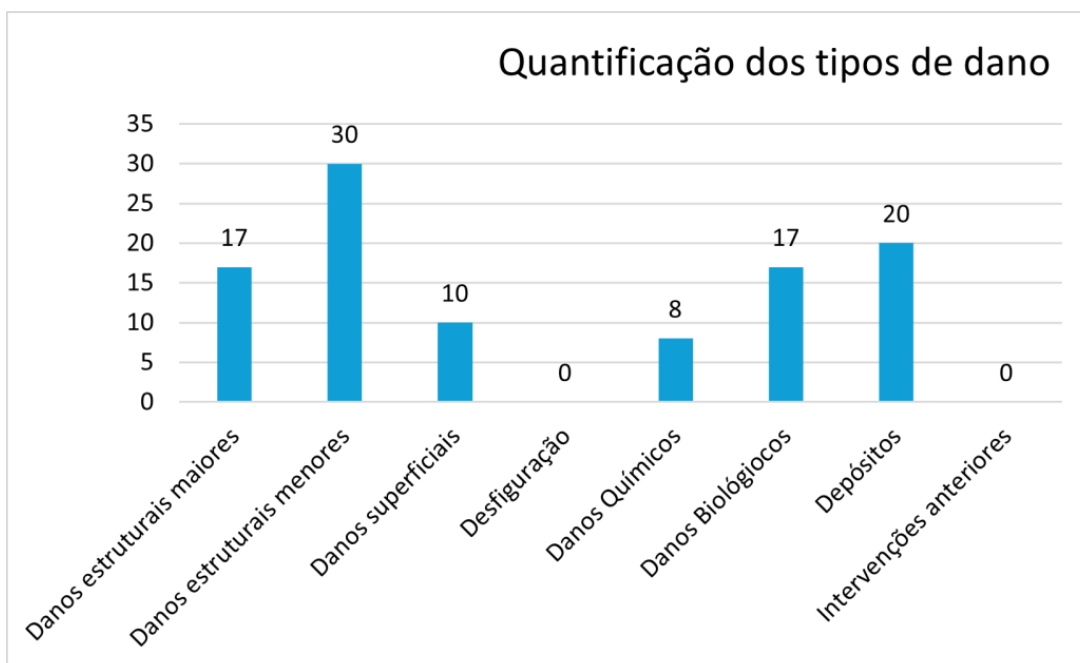


Figura 5. Quantificação dos tipos de dano presentes na coleção. © Inês Batista, 2025.

### 3. Identificação e estudo dos principais agentes de deterioração

Foram identificados e estudados os agentes de deterioração sobre os quais surgiram evidências de que teriam sido causadores de danos. São estas as condições termohigrométricas incorretas, as radiações eletromagnéticas, as pragas, as forças físicas e os poluentes.

Primeiramente, a análise dos registos de monitorização ambiental na Reserva 2, entre fevereiro de 2023 e outubro de 2024, revelou que apenas abril de 2023 e fevereiro e março de 2024 apresentaram valores de temperatura (T) e humidade relativa (HR) inteiramente dentro dos limites definidos pela instituição (10–27 °C e 35–65% de HR).

Em 2023, a T manteve-se geralmente dentro do intervalo, mas a HR violou o limite superior em vários períodos, atingindo valores sistematicamente superiores a 65% entre maio e dezembro. Similarmente, em 2024, a HR excedeu o limite em todos os meses, à exceção de fevereiro e março, enquanto a temperatura registou um valor máximo ligeiramente acima do intervalo apenas em agosto. Adicionalmente, verificaram-se também amplitudes mensais significativas na HR, de até 27,9%.

As condições verificadas aceleram processos de deterioração química, são propícias ao desenvolvimento biológico, à corrosão metálica e à deformação dos materiais higroscópicos. Detetou-se a corrosão em elementos metálicos e condições propícias para se virem a desenvolver infecções microbiológicas ativas.

O controlo ambiental mostra-se insuficiente, devido à inoperacionalidade parcial do sistema de climatização, à presença de infiltrações, aberturas no espaço e queda de água pontual associada à unidade de tratamento de ar (UTA) do sistema de climatização AVAC (Aquecimento, Ventilação e Ar Condicionado) instalado no espaço.

No que respeita a pragas, o museu recorre à colocação de armadilhas multi-espécies em pontos estratégicos, mas os registos de monitorização disponíveis não apontavam, inicialmente, para uma situação preocupante. Contudo, a inspeção da coleção de Luís Stoffel revelou danos característicos de ataque de *Tineola bisselliella* (traça-das-roupas) em penas e plumas de 17 objetos, alguns com evidências de infestações ativas, como presença de insetos vivos e mortos, larvas, ovos, serrim e teias. Durante o processo de inspeção observou-se um aumento de avistamentos de traças-das-roupas na Reserva 2 e a identificação de colónias ativas, tanto na coleção em estudo, como em objetos do demais acervo do Museu da Chapelaria.

As forças físicas constituem outro agente de deterioração relevante, resultado de colisões, manuseamento, transporte e acondicionamento inadequados. Alguns destes danos terão ocorrido antes da incorporação dos objetos no acervo, associados à sua utilização em contexto performativo, mas o risco manteve-se após a entrada no museu, especialmente devido à fragilidade de penas e têxteis e à ausência de sistemas de acondicionamento adequados.

No Museu da Chapelaria não existem equipamentos de monitorização de poluentes, o que limita a presente contextualização, mas foram identificadas fontes potenciais significativas: a localização do edifício em área com tráfego automóvel constante, obras de construção civil que ocorreram nas proximidades, a proximidade da Reserva 2 à cozinha do restaurante do museu e a circulação, ainda que limitada, de

peças. Adicionalmente, parte da coleção encontrava-se acondicionada em caixas de cartão comum, emissoras de ácidos.

No que se refere às radiações eletromagnéticas, a Reserva 2 é iluminada exclusivamente por luz artificial proveniente de lâmpadas LED, ligadas apenas quando necessário, sem incidência direta sobre a coleção. Não existem, contudo, aparelhos de monitorização luminosa, nem registo sistemático dos períodos de exposição à luz.

Em contexto de reserva, o risco associado à radiação é reduzido, mas, durante o período em que a coleção esteve em exposição temporária, esta permaneceu num espaço iluminado artificialmente e com ligação por porta envidraçada a uma área com luz natural.

Verifica-se desvanecimento de cor no chapéu “Feltro Vermelho”, dano que se associa à exposição à luz em fase prévia à incorporação ou durante a exposição.

#### **4. Análise de Risco**

A análise de risco define-se como a avaliação e priorização de riscos com recurso a um método estruturado. Elegeram-se com este propósito o Método ABC, desenvolvido por Michalski e Pedersoli Jr. (2017).

Foram consideradas as ocorrências que afetaram, ou poderão vir a afetar, a conservação da coleção. Para determinar os riscos e a sua magnitude (Fig. 6), foram equacionados eventos específicos relacionados com os dez agentes a ter em consideração segundo o Método ABC.

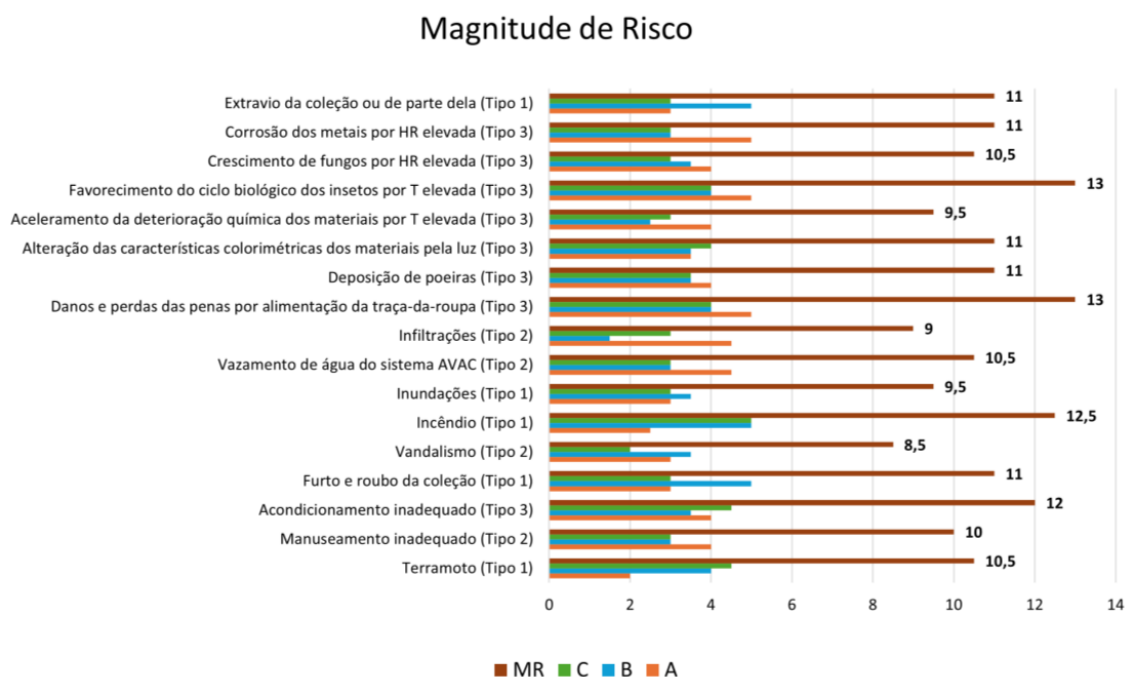


Figura 6. Representação da magnitude do risco, estimada a partir do Método ABC (Pedersoli Jr. et al, 2017) © Inês Batista, 2025.

Determina-se assim, que os riscos com maior magnitude são o favorecimento do desenvolvimento do ciclo biológico dos insetos devido a uma temperatura elevada, os danos e perdas nas penas e plumas causados pela alimentação das traças-das-roupas, o incêndio e o acondicionamento inadequado, todos com um grau de prioridade extrema. Os dois primeiros estão estreitamente relacionados, uma vez que temperaturas na ordem dos 20 °C, aliadas a níveis de HR elevados, favorecem o desenvolvimento de populações de *Tineola bisselliella*. De facto, esta elevada magnitude de risco justifica-se por cerca de 65 objetos de materiais queratinosos estarem a ser, ou poderão vir a ser alvos da alimentação da espécie.

Por outro lado, o risco de incêndio, embora de baixa frequência, apresenta potencial de perda catastrófica, atendendo à natureza combustível dos materiais que compõem a coleção e à proximidade física entre a Reserva 2 e a cozinha do restaurante. A existência de porta corta-fogo, sensores de fumo, extintor e mangueira de incêndio mitiga parcialmente esta ameaça.

Já o acondicionamento inadequado surge como risco elevado devido à ausência de sistemas de acondicionamento adequados ao contexto de reserva e transporte, considerando a fragilidade dos materiais e a sua eventual exposição a choques e vibrações.

## **5. Plano de conservação preventiva para a coleção de Luís Stoffel**

Como resposta aos riscos à conservação, propôs-se um plano de conservação preventiva e este artigo foca-se nos parâmetros que respondem diretamente aos quatro riscos com maior magnitude.

No domínio do controlo ambiental, propõe-se a manutenção da HR entre 40% e 65% e da temperatura em valores inferiores a 18 °C. Torna-se essencial reparar o sistema de climatização do museu, de modo a recuperar o controlo efetivo da HR e da temperatura. Recomenda-se ainda a eliminação de fontes de humidade, como infiltrações e aberturas no espaço, o afastamento da coleção de zonas sujeitas a queda de água e, caso não seja possível garantir o funcionamento integral do sistema AVAC, a utilização de equipamentos complementares, como desumidificadores e sistemas de ar condicionado.

O controlo biológico deve passar por um reforço do controlo integrado de pragas. Entre as ações propostas incluem-se a limpeza regular da reserva, a inspeção periódica da coleção, com prioridade para os objetos em Fraco e Mau estado de conservação, e a implementação de procedimentos de quarentena para objetos que entram ou regressam ao acervo. Para tratamento de infestações ativas recomenda-se a utilização de desinfestação por anóxia e para a monitorização sugere-se a adoção de armadilhas com feromonas específicas para *Tineola bisselliella*.

Relativamente ao risco de incêndio, as medidas propostas articulam-se com o Plano de Emergência em desenvolvimento no museu. Recomenda-se a identificação de objetos prioritários para resgate, a preparação de fichas de salvamento com informação sobre localização, manuseamento e acondicionamento temporário, e a definição clara

de papéis e responsabilidades dos membros da equipa durante emergências. Sugere-se ainda a ponderação da instalação de um sistema de extinção adequado às características do acervo.

A coleção deve ser acondicionada com sistemas pensados de forma individual, estáveis, construídos em materiais inertes, que proporcionem suporte e minimizem os efeitos dos impactos, choques e vibrações. Acabaram por ser elaborados quatro sistemas de acondicionamento (Fig. 7), concebidos para se adaptarem às diferentes formas e pesos dos objetos mas também às responder e às exigências do armazenamento em reserva e da circulação para exposições temporárias externas. Recorreu-se a soluções em polipropileno alveolar, espumas de polietileno expandido (*Plastazote*®), papéis isentos de ácido, gaze de algodão, *Tyvek*®, enchimentos em fibras de poliéster (*dracalon*) e fixações mecânicas com fita de nastro de algodão.

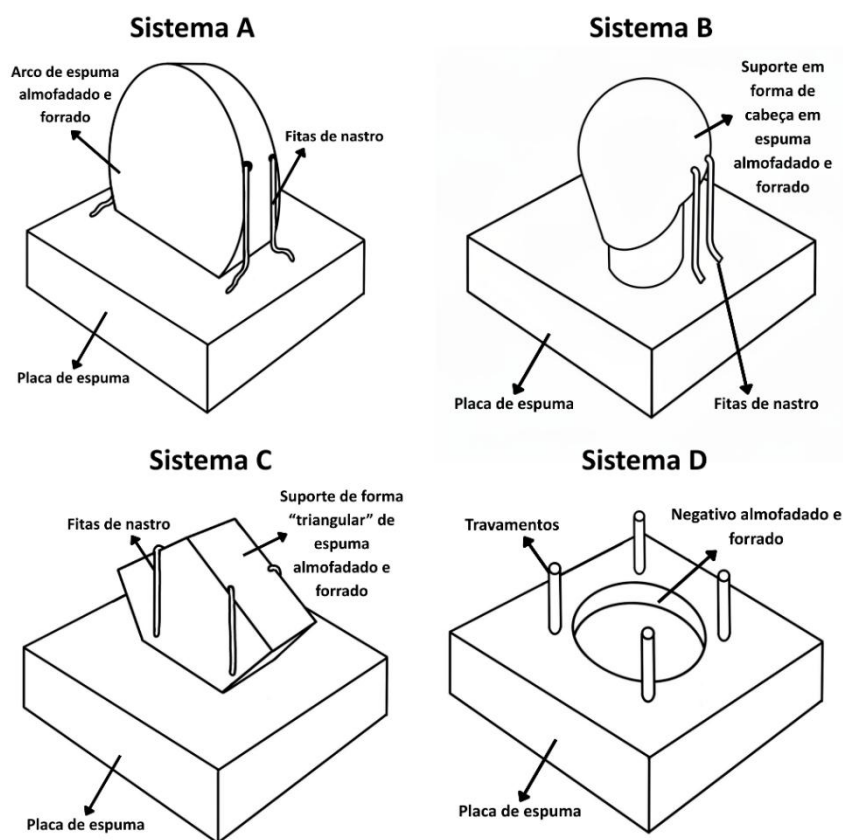


Figura 7. Sistemas de acondicionamento pensados para a coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.

Por fim, como invólucros, recomendam-se caixas em placas de polipropileno alveolar, sem adesivos e com lados colapsáveis, unidos por fitas de nastro de algodão. Para o transporte, prevê-se ainda um sistema de “duas caixas”, em que as caixas de polipropileno são colocadas no interior de caixas de cartão canelado ou de madeira, intercaladas por folhas de espuma de polietileno expandido como material amortecedor.

### **Considerações finais**

O estudo da coleção de Luís Stoffel assume-se como um caso representativo dos desafios de conservação preventiva em coleções de chapelaria contemporânea.

Esta encontra-se globalmente bem conservada, com predominância de estados de conservação Muito Bom e Regular. No entanto, os objetos em Fraco e Mau estado de conservação exigem atenção prioritária, dado o maior risco de perda material e estética e o potencial de disseminação de agentes de deterioração, nomeadamente de pragas. É necessário o reforço de medidas de conservação preventiva, em especial nos domínios do controlo ambiental, do controlo biológico, do acondicionamento e dos planos de emergência.

A caracterização da coleção revelou uma diversidade tipológica e material, mas também limitações metodológicas, como a dependência da observação macroscópica e constrangimentos no estudo dos agentes de deterioração, devido à falta de equipamentos de monitorização. Por fim, a impossibilidade de executar os sistemas de acondicionamento propostos consta como uma limitação bastante relevante.

Não obstante, o conhecimento produzido constitui uma base essencial para a tomada de decisões, permitindo identificar vulnerabilidades, estabelecer prioridades e adequar estratégias de intervenção.

Considera-se que o trabalho desenvolvido, ainda que centrado na coleção de Luís Stoffel, tem potencial para beneficiar a totalidade da coleção de chapéus do Museu da

Chapelaria, que partilha do mesmo espaço de armazenamento, está exposta aos mesmos agentes de deterioração e é composta por materiais semelhantes, permitindo também uma previsão do estado geral de conservação da mesma.

## **Agradecimentos**

A autora expressa os seus mais sinceros agradecimentos à Professora Doutora Paula Menino Homem, pela sua orientação, e a toda a equipa de profissionais do Museu da Chapelaria, pelo acolhimento do estágio curricular, em especial à Diretora Tânia Reis e à conservadora-restauradora Diana Tavares, pela sua colaboração.

## **Referências**

- Keene, S. (2002). *Managing Conservation in Museums* (2nd ed.). Butterworth-Heinemann.
- Pedersoli, J. L., Antomarchi, C., & Michalski, S. (2017). *Guia de Gestão de Riscos para o Património Museológico*. IBERMUSEUS, ICCROM.
- Pinho, E. G., & Freitas, I. da C. (2000). *Normas de Inventário. Normas Gerais - Artes Plásticas e Artes Decorativas*. Instituto Português de Museus.
- Sousa, C. B. de, Carvalho, G., Amaral, J., & Tissot, M. (2007). *Plano de Conservação Preventiva. Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Instituto dos Museus e da Conservação.

# Maria Manuel da Silva Gomes

mg\_mariagomes@hotmail.com<sup>3</sup>

## A coleção de bilhética do Museu do Carro Eléctrico

---

<sup>3</sup> Este artigo apresenta uma síntese da investigação realizada no âmbito do Relatório de Estágio intitulado Fios da Memória. Um Olhar Museológico sobre Fragmentos do Passado, desenvolvido no Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora Alice Duarte. Trabalho completo disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/169512>

### Resumo

O presente artigo centra-se na coleção documental do Museu do Carro Eléctrico, com destaque para a coleção de passes de transporte. O trabalho procurou valorizar estes objetos enquanto testemunhos de memória social, reforçando uma prática museológica orientada para as pessoas. O estágio realizado possibilitou aprofundar competências na gestão de coleções, através do estudo, registo e contextualização dos objetos. A metodologia incluiu uma inventariação rigorosa, com registo descritivo, documentação fotográfica e investigação documental que permitiu situar os exemplares no seu enquadramento histórico e cultural. Como principal resultado, foi concebida uma proposta de exposição temporária dedicada a esta coleção documental, evidenciando elementos do acervo que, embora menos evidentes, possuem grande significado histórico e social. Mais do que apresentar objetos, esta proposta procura tornar visível o trabalho de estudo e documentação que sustenta a preservação da memória social e a valorização da história local.

**Palavras-chave:** museologia; gestão de coleções; museu do carro eléctrico; memória social; passes.

### Nota biográfica

Mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Licenciada em Gestão do Património pela Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Durante o seu percurso profissional, realizou um estágio profissional no Museu do Instituto Superior de Engenharia, através do programa EstágiAP XXI da Administração Pública. No âmbito do Mestrado em Museologia, integrou a Comissão Organizadora das duas edições da “Semana de Museologia” e realizou um estágio curricular no Museu do Carro Eléctrico, onde atualmente dá continuidade à sua experiência profissional.

### Abstract

This article focuses on the documentary collection of the Museu do Carro Eléctrico (tramway museum), with particular emphasis on the transport pass collection. The study aimed to highlight these objects as testimonies of social memory, reinforcing a people-oriented museological practice. The internship enabled the development of skills in collection management through the study, documentation and contextualisation of the objects. The methodology included a rigorous inventory, with descriptive recording, photographic documentation and documentary research that made it possible to situate the items within their historical and cultural framework. As the main outcome, a proposal for a temporary exhibition dedicated to this documentary collection was developed, showcasing elements of the collection that, although less evident, hold significant historical and social value. More than merely presenting objects, the proposal seeks to make visible the research and documentation work that underpins the preservation of social memory and the promotion of local history.

**Keywords:** museology; collection management; tramway museum; social memory; transport passes.

### Biographical note

Holds a Master’s degree in Museology from the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto (FLUP), and a degree in Heritage Management from the School of Education of the Polytechnic Institute of Porto. She completed a professional internship at the Museum of the Instituto Superior de Engenharia do Porto through the EstágiAP XXI. As part of the Master’s in Museology, she served on the Organising Committee of two editions of Museology Week and completed a curricular internship at the Museu do Carro Eléctrico, where she currently continues her professional experience.

## Introdução

A valorização de objetos enquanto testemunhos de memória social constitui um eixo central da museologia. No contexto do Museu do Carro Eléctrico, coleções como passes, talões e bilhetes de transporte configuram-se como fontes documentais relevantes para o estudo do quotidiano urbano, oferecendo não apenas vestígios materiais, mas também informação sobre experiências individuais, dinâmicas sociais e transformações históricas. A análise destes objetos, orientada pela perspetiva da biografia do objeto proposta por Igor Kopytoff (1986), permite compreender os significados que se acumulam ao longo do tempo e as relações culturais, sociais e económicas que lhes conferem relevância.

Assim, o presente artigo incide sobre a coleção de passes de transporte pertencente a Fortunato Vieira Soares, complementada por outros documentos do acervo do Museu do Carro Eléctrico e por investigação realizada no Arquivo Municipal do Porto. Este cruzamento de fontes possibilita a contextualização histórica e urbana dos objetos, bem como a reconstrução de percursos individuais associados à mobilidade na cidade do Porto durante a primeira metade do século XX. A metodologia adotada incluiu inventariação, registo descritivo, documentação fotográfica e investigação documental, evidenciando dimensões menos visíveis do acervo e reforçando uma prática museológica orientada para as pessoas.

Por conseguinte, a investigação culminou na conceção de uma proposta de exposição temporária, cujo objetivo transcende a representação dos objetos, tornando visível o trabalho de estudo, documentação e preservação da memória social desenvolvido no seio da instituição museológica. Ao explorar a interseção entre coleções museológicas, histórica local e experiências individuais, este artigo demonstra como a análise sistemática de objetos quotidianos contribui para a valorização de narrativas históricas frequentemente invisibilizadas.

## **1. Fundamentos Teóricos e Paradigmas Museológicos**

A palavra museu evoca, em muitos, uma sensação profunda de conexão com algo que transcende o espaço físico, enraizando-se nas memórias e significados dos objetos que o compõem. Este sentimento reflete a capacidade do museu de transformar os objetos comuns em veículos de memória e significado, tornando-se como um espelho da humanidade, que nos permite não só observar o mundo, mas também olhar para dentro de nós próprios, desafiando-nos a pensar, a repensar e, sobretudo, a sentir.

Os museus e as instituições culturais enfrentam, na contemporaneidade, o desafio de compreender as suas coleções não apenas como conjuntos de objetos preservados, mas como testemunhos ativos das culturas e sociedades de que fazem parte. Neste enquadramento, a abordagem da biografia do objeto assume-se como uma ferramenta fundamental para a compreensão das dinâmicas culturais, sociais e simbólicas associadas aos objetos museológicos.

Relativamente à biografia de um objeto, é necessária uma análise profunda das suas diferentes fases de existência: desde a sua produção e circulação, passando pelos usos quotidianos, até ao momento em que a sua função utilitária cessa e o objeto adquire um novo estatuto, designadamente através da sua incorporação num museu. Esta perspetiva vai ao encontro da ideia de Kopytoff (1986), cujo refere que a biografia de um objeto não deve ser analisada exclusivamente a partir das suas características materiais ou técnicas, mas sim enquadrada no contexto das relações culturais, sociais e políticas que atravessam a sua existência. Esta abordagem permite compreender os processos de atribuição de significado, bem como as transformações simbólicas que ocorrem quando um objeto transita entre diferentes esferas, como o uso quotidiano, a obsolescência e a musealização.

A transição ocorrida a partir de 1980, da museologia tradicional para os paradigmas defendidos pela Nova Museologia, que promovem museus mais inclusivos, participativos e socialmente comprometidos, encontra na biografia do objeto um instrumento particularmente pertinente. Ao considerar os objetos como portadores de histórias múltiplas e dinâmicas, os mais recentes desenvolvimentos no campo da

museologia conduzem a uma abordagem mais dialógica, que reconhece a centralidade das pessoas e das suas experiências na construção do património.

A adoção da biografia do objeto como modelo de análise tem impacto direto nos processos de estudo e documentação das coleções, permitindo não só explorar a preservação material, mas também os significados e narrativas que os objetos acumulam ao longo do tempo. Neste sentido, os objetos deixam de ser entendidos como entidades estáticas, assumindo-se como testemunhos de percursos históricos abertos, nos quais o passado, o presente e o futuro coexistem.

## **2. Museu do Carro Eléctrico**

No século XVI, a mobilidade das pessoas era limitada, dado que os deslocamentos eram efetuados a pé, a cavalo ou em mulas. Os principais meios de transportes eram os barcos e os burros, aproveitando-se o rio Douro, o mar e algumas estradas. Após as Guerras Liberais, o crescimento da burguesia e de estabelecimentos comerciais impulsionou o desenvolvimento urbano e a necessidade de transportes.

Em 1870, o Barão da Trovisqueira estabeleceu um caminho de ferro puxado por mulas, o chamado americano. Dois anos depois, foi inaugurada a primeira linha, com concessão da Sociedade Melo e Faro e Tavares Basto, criando a Companhia Carril Americano do Porto à Foz e Matosinhos. Em 1873, surgiu a Companhia Carris de Ferro do Porto, sendo a primeira conhecida como “Companhia de Baixo” e a segunda como “Companhia de Cima”. Em 1893, as duas companhias fundiram-se, mantendo o nome da segunda e dando origem à futura STCP, consolidando uma rede de transportes estruturada na cidade (STCP, 2004).

Esta evolução dos transportes urbanos, caracterizada por fusões, avanços técnicos e ambições de modernidade, deixou marcas profundas na cidade. Parte dessa memória, foi integrada na Antiga Central Termoelétrica de Massarelos, um autêntico motor do progresso. É neste edifício, construído em 1915 para fornecer energia à rede de tração elétrica do Porto, que se encontra atualmente o Museu do Carro Eléctrico (Tavares, 2011). Inaugurado em 1992, o Museu tem como missão preservar, estudar e divulgar

não apenas a memória da central, mas também a história do transporte e da mobilidade urbana na cidade, refletindo a sua evolução tecnológica, social e histórica.

## 2.1 Coleção de Fortunato Vieira Soares

A doação dos passes de transporte de Fortunato Vieira Soares ao Museu do Carro Eléctrico foi realizada por Maria Fernanda Magalhães, após a sua descoberta durante o processo de organização dos bens pertencentes à sua mãe. Ainda que nunca tenha tido contacto pessoal com o seu avô, Maria Fernanda foi informada da sua história pela avó, o que constitui uma importante fonte de memória oral familiar.

Efetivamente, Fortunato Vieira Soares foi proprietário da Fábrica Portuense dos Botões (fig. 1), um empreendimento de carácter familiar que partilhava com os irmãos, incluindo Rodrigo Vieira Soares. A fábrica, fundada em 1920, situava-se na Rua Ciríaco Cardoso, nas imediações de Pinheiro Manso. Rodrigo Vieira Soares deslocou-se à Alemanha com o objetivo de adquirir conhecimentos técnicos relacionados com a pintura e coloração de botões, sendo reconhecido como um artesão especializado. Este percurso evidencia práticas recorrentes no contexto industrial daquela época, nomeadamente a emigração como estratégia de aprendizagem e aperfeiçoamento técnico.



Figura 1. Documentação relacionada com a Fábrica Portuense dos Botões. ©Arquivo Municipal do Porto (2024)

Relativamente à genealogia familiar, existem indícios de que o pai de ambos se chamaria igualmente Rodrigo Vieira Soares, embora esta informação não seja totalmente conclusiva. A família residia num palacete situado na Rua de Santa Catarina, nº 1230. Segundo o testemunho de Maria Fernanda, é provável que a fábrica estivesse registada em nome de Rodrigo, o irmão mais velho. A família de Fortunato tinha origens no Pará, no Brasil, onde os seus pais estavam consagrados ao ramo da joalheria. Foi também nesse contexto que Fortunato nasceu, antes da família se estabelecer definitivamente no Porto, mais concretamente num palacete situado na Rua de Santa Catarina, nº 1230. Em conformidade com relatos da avó, Fortunato era descrito como um homem de estatura baixa e constituição magra, com um temperamento dinâmico e permanentemente ativo. No que respeito à sua atividade profissional, Fortunato revelava-se reservado e evitava falar de trabalho no contexto doméstico, segundo a mãe de Maria Fernanda. Demonstrava igualmente aversão a tarefas administrativas, preferindo desempenhar funções de natureza comercial.

Assim, dedicava-se à visita regular a clientes e ao levantamento de encomendas, deslocando-se pelas lojas do Porto. Considerando o contexto das suas atividades e a presença de moradas distintas no verso dos passes, é possível supor que utilizava o elétrico com regularidade para realizar essas visitas (Fig. 2).



Figura 2. Moradas no Verso dos Passe. ©MCE (2025)

Após o encerramento da fábrica, cuja razão a neta desconhece, os filhos não herdaram qualquer documentação ou bens do negócio, que permaneceram na posse dos irmãos de Fortunato. Relativamente à vida pessoal, Fortunato foi casado duas vezes. Quando casou com a avó de Maria Magalhães, era já era viúvo e pai de dois filhos menores. O casal (Fig.3) estabeleceu residência na Rua do Bonjardim, nº 625, sendo que a avó, natural de Penafiel, assumiu as funções domésticas e a responsabilidade pelo cuidado das crianças.



Figura 3. Fotografia de Casamento. ©Maria Fernanda Magalhães (2025)

Durante o período em que residia na Rua do Bonjardim, Fortunato deslocava-se com regularidade até à Rua Ciríaco Cardoso, local de trabalho, utilizando o elétrico e apanhando-o nas proximidades do edifício do Jornal de Notícias. Esta rotina evidencia a centralidade do elétrico enquanto meio estruturante da mobilidade urbana na cidade

do Porto, funcionando como elo de ligação entre o espaço residencial e profissional. Apesar da sua utilização regular deste meio de transporte, Fortunato era descrito como impaciente face a atrasos, optando, em determinadas ocasiões, por realizar o percurso a pé. Esta atitude ilustra simultaneamente a dependência do transporte público e as limitações operacionais do sistema à época, bem como a experiência subjetiva dos seus utilizadores.

Durante o processo de inventariação, foi observado que, em determinado momento, Fortunato Vieira Soares deixou de usar bigode (Fig. 4). Não obstante, coloca-se a possibilidade de esta alteração estar relacionada com o seu estado de saúde, marcado por fortes dores de cabeça e, posteriormente, por uma infeção dentária com complicações recorrentes, que culminaria no falecimento prematuro, com cerca de 50 anos de idade. Contudo, a possibilidade de esta mudança refletir igualmente tendências estéticas e convenções de moda da época.



Figura 4. Mudança de Visual. ©MCE (2025)

A análise desta coleção permitiu concluir que um passe pode ser mais do que um mero vestígio do passado, constituindo-se como um objeto portador de informação sociopolítica e económica. Um dos exemplares mais revelantes apresenta a inscrição: “Sobretaxa de Guerra, 5 de abril de 1918, 8 escudos” (Fig. 5). Este objeto é indicativo dos impactos da I Guerra Mundial, evidenciando o aumento tarifário imposto à população e as repercussões deste conflito no quotidiano urbano.



Figura 5. Sobretaxa de Guerra. ©MCE (2025)

Adicionalmente, as datas presentes nos passes de Fortunato estabelecem uma interessante coincidência simbólica, abrangendo o período compreendido entre o início da I Guerra Mundial e o termo da II Guerra Mundial. O último passe remonta a 1944, um ano antes do fim oficial do conflito, em 1945 (Fig. 6). Deste modo, torna-se evidente que a deslocação do foco analítico, isto é - do objeto técnico isolado para a rede de significados sociais, económicos e históricos, - que revela o verdadeiro potencial da investigação e documentação de coleções museológicas.



Figura 6. Passe de 1914 e Passe de 1944. ©MCE (2025)

### 3. Proposta de Exposição

O estudo da coleção de passes de transporte pertencentes a Fortunato Vieira Soares, incorporada no MCE em setembro de 2023, resultou na proposta de exposição temporária Fios da Memória: Uma Viagem pelos Passes do Sr. Fortunato. Esta proposta parte da valorização da bilhética enquanto documento histórico e fonte privilegiada

para a investigação museológica, apoiada em fontes documentais, fotográficas e testemunhos orais, nomeadamente a neta do titular da coleção.

Mais do que apresentar objetos, a exposição torna visível o processo museológico, através da evidência das etapas de inventariação, documentação e investigação, bem como da demonstração de como objetos quotidianos podem revelar percursos de vida, transformações sociais e identidades urbanas. A narrativa expositiva é inspirada na lógica da investigação criminal, na qual; cada passe é tratado como pista, cada anotação como indício, unidos por um fio vermelho que simboliza as conexões entre pessoas, lugares e tempos.

A proposta de exposição, estruturada em quatro núcleos, inicia-se com a apresentação do processo de incorporação e documentação da coleção, sublinhando o rigor técnico e metodológico do trabalho museológico. O segundo evidencia o Museu enquanto espaço de investigação, explorando os passes como fontes de leitura, social e biográfica, revelando mudanças nos regulamentos, no grafismo, nas moradas e nos percursos do seu titular. O cruzamento entre objetos, arquivo e testemunhos orais permite reconstituir percursos profissionais, familiares e urbanas.

O terceiro núcleo contextualiza a coleção no período entre as duas guerras mundiais, destacando os impactos económicos e sociais do conflito, a mobilidade urbana, as migrações e as dinâmicas familiares, incluindo a reflexão sobre os papéis invisibilizados das mulheres. Por fim, o quarto núcleo problematiza as lacunas documentais, a diversidade formal dos passes e as transformações urbanas, assumindo a dúvida e incompletude como parte integrante do conhecimento museológico.

### **Considerações Finais**

A investigação desenvolvida em torno da coleção de passes de Fortunato Vieira Soares demonstra a importância de abordar estes objetos com um olhar atento e contextualizado. Contrariamente à visão de meros vestígios do passado, os passes são portadores de histórias, memórias e significados múltiplos, permitindo aceder a

dimensões da vida quotidiana e da história urbana que frequentemente permanecem invisíveis.

O contacto com a neta do titular da coleção demonstrou como objetos aparentemente banais podem funcionar como catalisadores de memórias familiares e narrativas locais. A análise das anotações presentes no verso dos passes, bem como o recurso à documentação do Arquivo Municipal do Porto, permitiu reconstruir percursos individuais e enquadrá-los no tecido urbano da cidade.

Deste modo, o estudo reafirma o potencial da investigação museológica centrada na biografia do objeto, contribuindo para uma prática que valoriza simultaneamente o rigor científico, a dimensão humana e a função social do museu.

## **Agradecimentos**

Agradeço à professora Alice Duarte e à Dra. Carla Dias cada linha desta investigação transporta um fragmento da vossa dedicação, do tempo com que me foi oferecido e da confiança que depositaram em mim. Obrigada pela paciência, pela atenção e pela presença constante, não apenas como orientadoras, mas como pessoas que me marcaram profundamente.

Agradeço, também, à minha família e a todos os meus amigos, pelo apoio incondicional ao longo deste caminho.

## **Referências**

- Arquivo Municipal do Porto (2024). Câmara Municipal do Porto. Fábrica Portuense dos Botões.
- Kopytoff, I. (1986). The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process. In *The Social Life Of Things*. (pp. 63 – 91). Cambridge University Press.
- STCP (2004). *Nas Origens da Sociedade de Transportes Colectivos do Porto (1870-1873)*. STCP.
- Tavares, R. (2011). O Porto e a Central Termoeléctrica de Massarelos – a cidade dos carris e dos fios eléctricos. In *Massarelos. A Requalificação do edifício da antiga Central Termoeléctrica de Massarelos – Registos de um projecto em curso* (pp. 8-20). STCP, S.A.

# Rita Ladeiro

ritaladeiro@cm-porto.pt<sup>4</sup>

**Museus de Cidade e Complexidade Urbana: Entre  
Valores, Território e Participação**

---

<sup>4</sup> Doutoranda em Estudos do Património – Museologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora Alice Semedo.

## Resumo

No contexto da “era urbana”, marcada por crescente complexidade social, patrimonial e política, os museus de cidade têm vindo a afirmar-se como dispositivos públicos de interpretação e mediação do urbano. Este artigo analisa em que medida o modelo contemporâneo de museu de cidade constitui um quadro conceptual e operativo capaz de responder aos desafios das cidades europeias. A partir de uma revisão crítica da literatura e dos debates promovidos em redes internacionais como o CAMOC e a CITYHIST, examinam-se os fundamentos epistemológicos do conceito, a sua relação com a gestão baseada em valores e com a abordagem territorial integrada, bem como as suas condições de operacionalização. Discute-se o potencial do museu de cidade enquanto fórum democrático, infraestrutura em rede e laboratório de futuro, identificando simultaneamente tensões e riscos de instrumentalização. Conclui-se que a robustez do modelo depende da articulação entre rigor científico, participação cidadã e governança cultural crítica.

**Palavras-chave:** museu de cidade; gestão integrada do património; governança cultural; cidadania cultural.

## Nota biográfica

Rita Ladeiro estudou Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, tendo trabalhado na área até 2012. Posteriormente formou-se em Gestão do Património Cultural na Escola Superior de Educação e realizou investigação no Centro de Investigação e Inovação em Educação e no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical. É mestre em Teoria e Crítica da Arte (FBAUP, 2019), com dissertação sobre Ângelo de Sousa. Integra a equipa de Mediação e Programação do Museu do Porto, é investigadora da coleção da Fundação Gramaxo e doutoranda em Estudos do Património - Museologia (FLUP), desenvolvendo investigação sobre museu-lugar e metodologias participativas.

## Abstract

In the context of the “urban era”, marked by increasing social, heritage and political complexity, city museums have emerged as public devices for interpreting and mediating urban realities. This article examines to what extent the contemporary city museum model constitutes a conceptual and operational framework capable of responding to the challenges faced by European cities. Drawing on a critical review of the literature and debates fostered within international networks such as CAMOC and CITYHIST, it analyses the epistemological foundations of the concept, its relationship with values-based management and integrated territorial approaches, as well as its conditions of implementation. The article discusses the potential of the city museum as a democratic forum, a networked infrastructure and a laboratory for the future, while also identifying inherent tensions and risks of instrumentalization. It concludes that the robustness of the model depends on the articulation between scholarly rigor, civic participation and critically grounded cultural governance.

**Keywords:** city museum; integrated heritage management; cultural governance; cultural citizenship

## Biographical notes

Rita Ladeiro studied Civil Engineering at the Faculty of Engineering, University of Porto, and worked in the field until 2012. She later completed studies in Cultural Heritage Management at the School of Education and conducted research at the Research and Innovation in Education Centre and the Centre for the Study of Sociology and Musical Aesthetics. She holds a Master’s degree in Theory and Criticism of Art (FBAUP, 2019), with a dissertation on Ângelo de Sousa. She is currently part of the Mediation and Programming team at the Museu do Porto, a researcher working with the Fundação Gramaxo collection, and a PhD candidate in Heritage Studies – Museology (FLUP), focusing on the museum-as-place and participatory methodologies.

## Introdução

A contemporaneidade é frequentemente descrita como a “era urbana”, um período marcado por crescimento demográfico acelerado, intensificação das mobilidades e crescente complexidade social, cultural e ambiental. Nas cidades europeias concentram-se hoje desafios estruturantes - desigualdades territoriais, pressões sobre o património, diversidade cultural, crises climáticas e disputas de memória - que exigem novos dispositivos públicos de interpretação e mediação. Neste contexto, os museus deixaram de poder limitar-se à custódia de coleções e à preservação de narrativas estabilizadas. São convocados a produzir inteligibilidade sobre o urbano, a negociar conflitos simbólicos e a contribuir para a imaginação coletiva do futuro das cidades.

É neste quadro que o modelo contemporâneo de museu de cidade tem vindo a afirmar-se no debate museológico internacional. Redes como o CAMOC (International Committee for the Collections and Activities of Museums of Cities, do ICOM) e a CITYHIST (City History Museums and Research Network of Europe) têm promovido uma reflexão sistemática sobre o papel destas instituições, defendendo a transição de um museu sobre a cidade - centrado na coleção e numa narrativa histórica linear - para um museu para e com a cidade, entendido como fórum democrático, infraestrutura territorial em rede e plataforma de debate cívico.

Contudo, apesar da crescente consolidação discursiva, o museu de cidade permanece uma categoria aberta e heterogénea. Como observa Francesca Lanz (2019), trata-se de uma “definição ausente”, cuja plasticidade conceptual reflete a diversidade de contextos urbanos e de ecologias institucionais. Esta indeterminação coloca uma questão central: em que medida o modelo contemporâneo de museu de cidade constitui um quadro conceptual e operativo capaz de responder à crescente complexidade urbana, patrimonial e social das cidades europeias?

O presente artigo parte de uma revisão crítica da literatura especializada, dos referenciais normativos internacionais e dos debates promovidos nas redes museológicas europeias para analisar os fundamentos epistemológicos do conceito, as

suas implicações metodológicas e as suas condições de operacionalização. Mais do que validar uma tipologia, procura-se compreender o museu de cidade como dispositivo relacional que articula território, memória e cidadania. Sustenta-se que a robustez do modelo depende menos da sua adoção nominal e mais da capacidade institucional de integrar polifonia, gestão baseada em valores, programação em rede e mecanismos efetivos de participação pública, num equilíbrio exigente entre relevância social, rigor científico e responsabilidade democrática.

## **1. Gestão integrada do património cultural: bases teóricas, normativas e desafios contemporâneos**

A reflexão sobre o museu de cidade exige um enquadramento teórico que articule crítica da modernidade, transformação do campo patrimonial e mudanças de escala na governação do urbano. Num contexto marcado por profundas mutações sociais, económicas e culturais, o património reclama modelos de gestão capazes de lidar com a complexidade, a mudança e a pluralidade de valores. A complexificação contemporânea do património cultural decorre tanto da liquidez das formas sociais e institucionais como da expansão semântica do próprio conceito, impondo uma revisão das categorias tradicionais de conservação e mediação.

A gestão do património cultural opera hoje num cenário de profunda mutação ontológica do seu objeto. Como diagnostica Françoise Choay, assistimos à passagem da estrutura relativamente estável do “monumento histórico” - consagrada pelo saber pericial e pela distância histórica - para a abrangência do património, um conceito que se tornou “nómada” e marcado por “abundância semântica” (Choay, 2010, p. 17). Esta expansão, impulsionada pelo que a autora designa como “Complexo de Noé” ou “inflação patrimonial”, traduz uma ânsia de salvaguarda total perante a aceleração da história e a dissolução de referentes estáveis, fenómenos que dialogam com a condição de “modernidade líquida” descrita por Bauman (2000).

Todavia, esta ampliação não é apenas quantitativa. Marc Guillaume (2003) sublinha que uma política patrimonial que retenha apenas “fantasmas” materiais é

insuficiente. O que torna o presente habitável são as “artes secretas da memória e do esquecimento” (Guillaume, 2003, p. 1), isto é, o modo como as sociedades selecionam, interpretam e negociam sentidos. Nesta perspetiva, o património deixa de ser entendido como conjunto estático de objetos e afirma-se como processo cultural dinâmico, atravessado por disputas simbólicas e políticas.

A crítica de Laurajane Smith ao chamado “Discurso Autorizado do Património” (AHD) aprofunda esta leitura. Para a autora, o património não é entidade neutra nem inerente aos objetos; trata-se de um ato performativo de atribuição de valor no presente, frequentemente mediado por instituições e especialistas que privilegiam monumentalidade e estética em detrimento de memórias quotidianas (Smith, 2006, p. 44). Em contexto urbano, esta crítica revela a cidade como campo de conflitos de memória e visibilidade, exigindo que a gestão patrimonial ultrapasse a lógica do depósito e se assuma como mediação crítica entre narrativas oficiais e experiências sociais plurais.

A resposta metodológica que ganhou centralidade internacional foi a transição para uma gestão baseada em valores (*values-based management*). A Carta de Burra (ICOMOS Austrália, 2013) constitui documento-chave desta mudança paradigmática ao estabelecer que qualquer política de gestão deve assentar na compreensão do “significado cultural”, definido como valor “estético, histórico, científico, social ou espiritual para as gerações passadas, atuais ou futuras” (Artigos 1.2 e 6.2). Ao reconhecer que o significado cultural é dinâmico e não inerente à materialidade física, a Carta instrumentaliza a gestão da mudança, exigindo a identificação rigorosa dos valores (porquê conservar) e dos atributos que os expressam (o quê conservar) antes de qualquer intervenção (Tarrafa Silva & Pereira Roders, 2012; 2021). Esta abordagem fornece uma gramática comum capaz de articular realidades heterogéneas - objetos, lugares, práticas - sob uma matriz de significados partilhados.

Em paralelo, a evolução normativa internacional deslocou a escala de intervenção do monumento isolado para o território urbano. Se a Carta de Atenas (1931) e a Carta de Veneza (1964) privilegiavam a conservação da matéria e do sítio

monumental, documentos posteriores como a Carta de Washington (1987) e os Princípios de La Valeta (2011) reconheceram as cidades históricas como “organismos vivos” sujeitos a transformação, cuja salvaguarda deve integrar-se numa política coerente de desenvolvimento social e económico (ICOMOS, 1987; 2011).

A Recomendação sobre a Paisagem Histórica Urbana (UNESCO, 2011) representa passo decisivo nesta mudança de paradigma ao definir a área urbana como resultado de uma “estratificação histórica de valores e atributos culturais e naturais”. A abordagem da Paisagem Histórica Urbana (PHU) transcende a noção de centro histórico e integra o contexto urbano alargado, enfatizando as relações entre lugares, práticas e narrativas. Esta perspetiva converge com a Carta sobre os Itinerários Culturais (ICOMOS, 2008), ao reconhecer que o valor patrimonial emerge das inter-relações e que o conjunto pode ser mais significativo do que a soma das partes.

No plano ético-político, o enquadramento normativo reforça a dimensão social do património. A Convenção de Faro (Conselho da Europa, 2005) coloca a pessoa e as “comunidades patrimoniais” no centro da definição e gestão do património, entendendo-o como recurso para o desenvolvimento humano e para o exercício de direitos culturais. Ao definir comunidades patrimoniais como “conjuntos de pessoas que valorizam aspetos específicos do património cultural que desejam [...] manter e transmitir às gerações futuras” (Artigo 2.º), a Convenção reconhece a pluralidade de significados e a dimensão participativa do processo patrimonial.

Mais recentemente, a Carta do Porto Santo (2021) propõe a transição da democratização da cultura para a democracia cultural, convocando as instituições a criar condições efetivas para que os cidadãos participem na definição de prioridades, narrativas e estratégias. Esta reorientação alinha-se com uma conceção de governação cultural que integra conhecimento técnico, valores sociais e participação cidadã.

Neste cruzamento entre crítica da modernidade, gestão baseada em valores, abordagem territorial integrada e imperativo de cidadania cultural, consolida-se um quadro teórico-normativo robusto para a gestão integrada do património. Tal enquadramento desloca o foco do objeto isolado para sistemas complexos, do edifício

para o território, da autoridade exclusiva para a mediação crítica e da conservação material para a negociação de significados.

A pertinência deste paradigma para os museus de cidade reside precisamente na sua capacidade de responder à complexidade urbana contemporânea. Ao articular valores, atributos, escalas territoriais e participação pública, a gestão integrada oferece fundamentos conceptuais e operativos capazes de sustentar práticas museológicas orientadas para a pluralidade, a responsabilidade democrática e a inteligibilidade crítica do urbano.

## **2. O modelo contemporâneo de museu de cidade: epistemologia, redes e práticas emergentes**

A compreensão do museu de cidade no século XXI exige a sua contextualização no que Orloff (2008) designa como a “era urbana”. Se o século XIX foi marcado pelo museu de história natural e o século XX pelo museu de arte, o presente século afirma-se como o momento do museu de cidade, uma vez que é nas cidades que se concentram os principais desafios da civilização contemporânea (Orloff, 2008, p. 27). A aceleração das dinâmicas metropolitanas, a superdiversidade cultural e as crises socioambientais colocaram o modelo museológico clássico - centrado na custódia de coleções e na narrativa histórica estabilizada - perante uma crise de relevância. Os museus são hoje convocados não apenas a preservar o passado, mas a interpretar transformações em curso, mediar tensões sociais e contribuir para a ativação da cidadania. A cidade deixa de ser cenário e torna-se objeto de conhecimento, conflito e imaginação pública.

A redefinição tipológica do museu de cidade não produziu uma fórmula estanque. Francesca Lanz (2019) caracteriza-o como portador de uma “definição ausente” (missing definition), sublinhando a dificuldade - e talvez a impropriedade - de fixar uma categoria uniforme para instituições profundamente enraizadas em contextos locais distintos (p. 655). Longe de constituir fragilidade epistemológica, esta abertura conceptual funciona como vantagem estratégica: o museu de cidade é uma instituição

“em construção”, cuja heterogeneidade reflete a complexidade do território urbano e a vitalidade das suas práticas (Lanz, 2019; 2023).

Esta renovação manifesta-se numa mudança gramatical que traduz uma posição política. O museu transita de uma lógica sobre a cidade - centrada na representação histórica e na coleção - para um museu para e com a cidade. Nesta configuração, assume-se como “Fórum” ou “Ágora”, espaço de diálogo que facilita o exercício do “Direito à Cidade”, tal como formulado por Lefebvre e Harvey (Pérez Rubiales, 2020). A narrativa abandona a linearidade cronológica e adota uma temporalidade dialética: o passado é mobilizado como ferramenta crítica para interpretar o presente e moldar o futuro urbano (Grewcock, 2006). Como observa Jones (2008), passado, presente e futuro interpenetram-se, exigindo que o museu se posicione nessa interseção para influenciar atitudes e imaginários sobre o devir urbano (p. 8).

Neste quadro, o museu de cidade afirma-se simultaneamente como instituição cultural e dispositivo de cidadania. A sua função democrática não se limita à difusão de conhecimento histórico, mas envolve a criação de condições para a participação, a apropriação simbólica do espaço urbano e a negociação plural de sentidos. Uma das teses centrais deste paradigma é a conceção da cidade como “maior artefacto patrimonial” (Jones, Macdonald & McIntyre, 2012). Consequentemente, o museu não pode restringir-se a um edifício central, devendo operar como instituição expandida, articulando lugares, coleções e narrativas dispersas.

As redes internacionais desempenharam papel determinante na consolidação deste modelo. A Declaração de Barcelona sobre os Museus de Cidade (CITYHIST, 2013) afirma que o objeto comum destes museus são “as cidades e os seus cidadãos”, assumindo a diversidade como traço constitutivo. O CAMOC, criado em 2005 no âmbito do ICOM, estabeleceu-se como fórum de reflexão para instituições que lidam com a vida urbana contemporânea e com o futuro das cidades (Macdonald, 2006). Sob a sua égide, o museu de cidade é entendido como sistema de “conversação distribuída”, capaz de integrar temas como migração, sustentabilidade e conflito urbano (Grewcock, 2006, p. 33).

Paralelamente, a rede CITYHIST enfatizou o rigor académico na historiografia urbana, defendendo o museu de cidade como plataforma académica e rede urbana que contribui para a reescrita dinâmica da história, envolvendo os cidadãos na definição do património (CITYHIST, 2013). Esta articulação entre investigação, mediação pública e participação cívica constitui um dos eixos estruturantes do paradigma contemporâneo. A operacionalização destes princípios é visível em experiências europeias recentes. O Museu de Lisboa, na sua reconfiguração iniciada em 2015, exemplifica a transição para uma “segunda geração” de museus de cidade, assumindo explicitamente a polifonia e integrando narrativas anteriormente marginalizadas - da escravatura às culturas migrantes - numa estrutura multissítios que articula investigação histórica e relevância social contemporânea (Monteiro, 2018).

De modo semelhante, o Museu de História de Barcelona (MUHBA) desenvolveu o modelo de “Museu Cidadão”, convertendo a fragmentação patrimonial num sistema coerente de múltiplas “salas urbanas” distribuídas pela cidade (Roca i Albert & MUHBA Team, 2023). A criação de estruturas como o CRED (Centro de Investigação e Debate) evidencia a articulação entre rigor historiográfico e participação pública. Projetos como o núcleo do Bon Pastor demonstram como experiências sociais periféricas podem ser integradas na narrativa urbana alargada, validando memórias operárias como património fundamental (Pérez Rubiales & MUHBA Team, 2019).

Em síntese, o museu de cidade deixou de ser mera categoria temática - um museu de história local - para se afirmar como postura metodológica e política. A sua assunção implica compromisso com três eixos fundamentais: (1) polifonia, reconhecendo a pluralidade interpretativa da cidade; (2) território, operando em rede para além do edifício central (se existir); e (3) futuro, rejeitando a nostalgia em favor da participação ativa na construção do devir urbano. O modelo internacional de redes surge, assim, como arcabouço conceptual e operativo capaz de sustentar esta missão complexa num contexto europeu marcado por desafios patrimoniais, sociais e políticos crescentes.

### **3. Tensões, limites e condições de operacionalização do paradigma: entre relevância pública, governança e o papel das redes**

A discussão sobre a robustez do modelo contemporâneo de museu de cidade ultrapassa o domínio estritamente museológico. Trata-se de uma questão simultaneamente política, estratégica e epistemológica, particularmente num contexto em que a urbanização global intensificou o papel simbólico das cidades e o peso cultural dos seus dispositivos de representação. A “era urbana” amplificou uma crise de relevância nos museus: perante cidades densas, desiguais e digitalizadas, o modelo clássico de repositório revelou-se insuficiente para interpretar e mediar sentidos urbanos no presente. Como sublinha Marshall (2023), os museus de cidade enfrentam pressões ideológicas e tecnológicas que os obrigam a deslocar o foco da “coleção e vitrine” para funções de serviço público, investigação, participação e cidadania (pp. 10–13).

A robustez do paradigma deve, por isso, ser avaliada em duas dimensões complementares. Por um lado, o seu potencial enquanto matriz metodológica capaz de organizar a dispersão territorial, simbólica e narrativa do património urbano; por outro, as tensões políticas inerentes à representação pública da cidade. O museu de cidade afirma-se menos como modelo replicável e mais como dispositivo situado, moldado pelas camadas históricas, conflitos e comunidades de cada contexto. A ausência de fórmula rígida - a “definição ausente” identificada por Lanz (2019) - constitui simultaneamente força adaptativa e desafio de coerência.

Uma das contribuições centrais do paradigma reside na valorização do modelo policêntrico e em rede. Em vez de interpretar a dispersão como falha, o museu assume o território como parte integrante do dispositivo museológico, distribuindo a interpretação urbana por múltiplos lugares significativos. Redes internacionais como o CAMOC e a CITYHIST consolidaram esta abordagem, promovendo aprendizagem comparada, partilha de práticas e formação de comunidades epistémicas que reforçam uma governação museológica mais reflexiva e internacionalizada.

Contudo, a adequação do modelo não pode ser aferida apenas pelos seus benefícios operativos. A literatura tem evidenciado que os museus de cidade se situam

no centro de tensões políticas, uma vez que a sua matéria-prima é a própria cidade e os seus conflitos simbólicos. Estudos sobre museus e soft power demonstram como estas instituições podem integrar estratégias de projeção e reputação urbana, funcionando como instrumentos de influência cultural (Decker, 2016). Neste quadro, o risco de captura por agendas de city branding é real, podendo conduzir à harmonização de narrativas e à marginalização de desigualdades, exclusões e conflitos (Lord & Blankenberg, 2015).

A impossibilidade de neutralidade interpretativa agrava esta tensão. O museu não é espelho neutro do passado urbano, mas ator cultural que seleciona visibilidades e silêncios. A questão central não é se deve assumir posição, mas como garantir que essa posição decorre de critérios de rigor académico, ética pública e responsabilidade democrática (Sandahl, 2019).

Deste modo, a operacionalização do paradigma depende menos da adoção nominal da categoria “museu de cidade” e mais da arquitetura institucional que a sustenta: articulação coerente entre núcleos e programas, produção de conhecimento integrado, mecanismos consistentes de participação cidadã e salvaguardas de autonomia crítica. O museu de cidade é, sobretudo, um modo de operar: produzir inteligibilidade urbana, organizar narrativas plurais e criar espaço público de debate. A sua robustez mede-se na capacidade de equilibrar relevância social e densidade crítica, estratégia urbana e ética democrática, participação e responsabilidade institucional.

## Referências

- Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Polity Press.
- Carta do Porto Santo. (2021). *A cultura e a promoção da democracia: Para uma cidadania cultural europeia*. Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia.
- Choay, F. (2010). *Património e mundialização*. Licorne.
- City History Museums and Research Network of Europe. (2013). *Barcelona Declaration on European City Museums*. In T. Marshall & J. Roca i Albert (Eds.), *European city museums* (pp. 20–22). MUHBA.
- Conselho da Europa. (2005). *Convenção-Quadro relativa ao valor do património cultural para a sociedade (Convenção de Faro)*.

- Decker, J. (2016). Cities, museums and soft power [Review of the book *Cities, Museums and Soft Power*, by G. D. Lord & N. Blankenberg]. *Consumption Markets & Culture*, 21(6), 603–612. <https://doi.org/10.1080/10253866.2016.1236254>
- Grewcock, D. (2006). Museums of cities and urban futures: New approaches to urban planning and the opportunities for museums of cities. *Museum International*, 58(3), 32–42.
- Guillaume, M. (2003). *A política do património*. Campo das Letras.
- ICOMOS. (1964). *Carta de Veneza: Carta internacional para a conservação e o restauro de monumentos e sítios*.
- ICOMOS. (1987). *Carta de Washington: Carta para a conservação de cidades e áreas urbanas históricas*.
- ICOMOS. (2008). *Charter on cultural routes*.
- ICOMOS. (2011). *Princípios de La Valeta para a salvaguarda e gestão de cidades e conjuntos urbanos históricos*.
- ICOMOS Austrália. (2013). *The Burra Charter: The Australia ICOMOS charter for places of cultural significance (2013 ed.)*. Australia ICOMOS.
- Jones, I. (2008). Cities and museums about them. In I. Jones, R. R. Macdonald, & D. McIntyre (Eds.), *City museums and city development* (pp. 1–15). AltaMira Press.
- Jones, I., Macdonald, R. R., & McIntyre, D. (Eds.). (2012). *Our greatest artefact: The city*. CAMOC.
- Lanz, F. (2019). City museums: Reflections on a missing definition. *CAMOC Museums of Cities Review*, 02/2019, 4–7.
- Lanz, F. (2023). European city museums: A definition? In T. Marshall & J. Roca i Albert (Eds.), *European city museums*. MUHBA.
- Lord, G. D., & Blankenberg, N. (2015). *Cities, museums and soft power*. AAM Press.
- Macdonald, R. R. (2006). Editorial. *Museum International*, 58(3), 4–5.
- Marshall, T. (2023). City museums in the urban era: Pressures, transitions and opportunities. *CAMOC Review*, 10–13.
- Marshall, T., & Roca i Albert, J. (Eds.). (2023). *European city museums*. MUHBA.
- Monteiro, J. S. (2018). Becoming a city museum: New approaches on time, people and urban heritage at the Museum of Lisbon. In J. Savic (Ed.), *The future of museums of cities: CAMOC annual conference 2018* (pp. 100–105). ICOM/CAMOC.
- Orloff, C. (2008). Museums of cities and the future of cities. In I. Jones, R. R. Macdonald, & D. McIntyre (Eds.), *City museums and city development* (pp. 27–39). AltaMira Press.
- Pérez Rubiales, E. (2020). Right to the city, right of the citizens: For a new generation of city museums. In J. Savic & C. Chiu (Eds.), *City museums as cultural hubs: Past, present and future* (pp. 106–117). CAMOC/ICOM.
- Roca i Albert, J., & MUHBA Team. (2023). MUHBA: From city museum to citizens' museum. In T. Marshall & J. Roca i Albert (Eds.), *European city museums* (pp. 153–176). MUHBA.

Sandahl, J. (2019). Contested issues and museum activism. *CAMOC Museums of Cities Review*, 02/2019, 186–191.

Smith, L. (2006). *Uses of heritage*. Routledge.

Tarrafa Silva, A., & Pereira Roders, A. (2012). Cultural heritage management and heritage (impact) assessments: Values, attributes and indicators. *Journal of Cultural Heritage Management and Sustainable Development*, 2(2), 108–121.

Tarrafa Silva, A., & Pereira Roders, A. (2021). Taxonomias do significado cultural do património: Valores e atributos. In C. A. Marado, T. Valente, & J. P. Bernardes (Eds.), *Gestão do património cultural: Experiências e desafios* (pp. 10–31). Universidade do Algarve.

UNESCO. (2011). *Recommendation on the Historic Urban Landscape (HUL)*. UNESCO.

# Matilde Gomes

matilde.csgomes@gmail.com<sup>5</sup>

## Ecos da diáspora em museus: o caso da ilha grega de Lesbos

---

<sup>5</sup> Este artigo apresenta uma síntese da dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intitulada *Inspiring Museum Practices: Dealing With Difficult Heritage. The case of the Greek Island of Lesbos*, orientada pela Professora Doutora Alice Semedo (Universidade do Porto) e pela Professora Doutora Alexandra Bounia (University of the Aegean, Grécia). Trabalho completo disponível no Repositório Aberto da Universidade do Porto em: <https://hdl.handle.net/10216/169066>

### Resumo

O presente artigo analisa o papel dos museus como agentes de transformação num contexto global marcado por movimentos migratórios crescentes do Médio Oriente e do Norte de África para a Europa. Ao articular o ativismo museológico, o conceito de património difícil e o estudo das migrações, procurou-se compreender como as instituições culturais podem promover a inclusão, a empatia e a coesão social, com foco na ilha grega de Lesbos. Através de uma revisão bibliográfica das teorias mais recentes, de uma análise multimodal de desenhos recolhidos num centro comunitário e do estudo de caso do *Museum of the Refugee Memory 1922*, demonstra-se que as práticas ativistas e as colaborações com as comunidades deslocadas permitem que os museus assumam um papel solidário e representativo na sociedade e nas narrativas contemporâneas da migração. Propõe-se, assim, que as expressões visuais de pessoas em movimento constituem narrativas alternativas poderosas, ainda pouco exploradas na museologia.

**Palavras-chave:** museus; ativismo; património difícil; migração

### Nota biográfica

Matilde Gomes é licenciada em História e Mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Obteve uma bolsa de investigação (BI) no âmbito Contrato-Programa de Financiamento Plurianual de Unidades de I&D 2020-2023, estabelecido entre a FCT, CITCEM e FLUP (REF.<sup>a</sup> UIDB/04059/2020). Participou em várias atividades de cariz académico, como a organização da Semana de Museologia na FLUP e fez parte de projetos internacionais na Grécia e na Alemanha e marcou presença como oradora em conferências em Portugal e Espanha.

### Abstract

This article analyses the role of museums as agents of transformation in a global context marked by growing migratory movements from the Middle East and North Africa to Europe. By articulating museum activism, the concept of difficult heritage and the study of migration, the article seeks to understand how cultural institutions can promote inclusion, empathy and social cohesion, focusing on the Greek island of Lesbos. Through a review of recent literature, a multimodal analysis of drawings collected at a community centre, and a case study of the *Museum of the Refugee Memory 1922*, it is demonstrated that activist practices and collaborations with displaced communities allow museums to assume a supportive and representative role in society and in contemporary narratives of migration. It is thus proposed that the visual expressions of people on the move constitute powerful alternative narratives that remain largely unexplored in museology.

**Keywords:** Museums; Activism; Difficult Heritage; Migration

### Biographical note

Matilde Gomes holds a degree in History and a Master's degree in Museology from the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto (FLUP). She was a research fellow at CITCEM, in the Education and Societal Challenges Group, and participated in various academic activities, including the organisation of Museology Week at FLUP. She also took part in international projects in Greece and Germany and participated as a speaker at conferences in Portugal and Spain.

## Introdução

Vivemos num mundo sujeito a transformações contínuas e marcado por intensos movimentos migratórios. Neste contexto, a comunidade internacional tem assistido a fluxos migratórios significativos, provenientes do Médio Oriente e do Norte de África, com destino à Europa. O presente artigo sintetiza a investigação realizada no âmbito da dissertação de mestrado em Museologia, orientada por Alice Semedo e Alexandra Bounia, que analisa o papel dos museus na promoção da empatia e da inclusão por meio de práticas inspiradoras.

Tal como o título sugere, a ilha de Lesbos funcionou como um laboratório museológico, no âmbito de uma ação de mobilidade Erasmus+ que decorreu entre outubro de 2024 e janeiro de 2025. Esta experiência não só permitiu aprofundar conhecimentos teóricos sobre a temática de estudo, como também proporcionou oportunidades de contacto direto com a realidade contemporânea das pessoas que, todos os dias, tentam entrar na Europa a partir da Turquia, atravessando o Mar Egeu de barco, sobretudo desde 2015. Esta realidade não era apenas sentida no dia a dia em Lesbos, onde a presença destas pessoas em movimento era evidente, mas silenciosa, mas também graças ao envolvimento como voluntária numa equipa internacional de um centro comunitário de apoio a migrantes e refugiados, muito próximo do Campo Fechado de Acesso Controlado (CCAC).

O presente texto expõe o raciocínio subjacente à investigação, que se fundamenta numa revisão bibliográfica, na análise de desenhos recolhidos neste centro comunitário em Lesbos e num estudo de caso de um museu já existente na mesma ilha. O objetivo central é analisar como os museus, através das lentes do *museum activism* (Janes & Sandell, 2019), *slow memory* (Bezirgan-Taniş, 2024), *difficult heritage* (Macdonald, 2009) e *pedagogy of feeling* (Witcomb, 2015), podem fomentar a coesão social e uma reflexão crítica sobre questões sociais urgentes, através do envolvimento direto com as comunidades deslocadas e da adoção de práticas inspiradoras.

A magnitude da importância desta investigação é justificada pela necessidade imperativa de discutir estas questões prementes da sociedade, tanto no âmbito da

museologia como em contextos externos. Ademais, esta investigação evidencia o impacto que as práticas ativistas e a colaboração com comunidades deslocadas podem ter no próprio museu e na sociedade contemporânea.

## **1. Museologia, Património Difícil e Migração: O objeto e objetivos de pesquisa**

Nas últimas décadas, tem-se assistido ao desenvolvimento de múltiplos estudos relacionados com o património, a migração e a museologia, ainda que de forma isolada. Contudo, para a presente investigação, demonstrou-se a necessidade de interlaçar estes três temas, através de uma perspetiva museológica. Esta interdisciplinaridade visou estabelecer uma relação entre os museus, as experiências, a história e o património das populações em movimento.

As recentes transformações na museologia constituem o ponto de partida deste trabalho, sendo abordadas as mais recentes e numerosas viragens museológicas que ressoam com práticas participativas, sensoriais e socialmente orientadas nos museus. Estas abordagens incluem a viragem participativa, a viragem afetiva e a viragem transformativa, cada uma com as suas semelhanças e diferenças, mas igualmente orientadas para o desenvolvimento de práticas, valores e narrativas museológicas de acordo com princípios e necessidades específicas. Outros conceitos teóricos, nomeadamente a memória lenta (Bezirgan-Taniş, 2024, p. 433), o trauma e a memória agnóstica, são também objetos de estudo de modo a salientar as potenciais ramificações de práticas museológicas ditas inspiradoras empregues em contexto museológico. Para uma melhor compreensão da relação entre estes conceitos e os museus, utiliza-se uma metáfora: tal como numa dança, a relação entre o trauma e a memória lenta com os museus é fluida, rítmica e delicada, mas nem sempre perfeita.

Em paralelo, a investigação mobiliza o conceito de "difficult heritage" (Macdonald, 2009, p. 1), que se refere a património relacionado com um passado que ainda tem ecos desconfortáveis no presente. Procedeu-se à análise crítica da complexidade inerente a este conceito, o que resultou na criação de duas ferramentas

de compreensão teórica para facilitar a compreensão global do conceito e auxiliar na investigação. Esta necessidade surgiu também em resposta à observação de uma lacuna na tipologia operacional de acordo com os mais recentes paradigmas museológicos.

Por conseguinte, procedeu-se à análise dos principais quadros conceptuais e terminológicos relativos à migração e à mobilidade. Para tal, foi adotado o modelo crítico elaborado por Anthony H. Richmond (1988, p.16), que distingue entre migração reativa e migração proativa. A primeira, é caracterizada como o movimento de pessoas em resposta a crises imediatas, e a segunda como um movimento de pessoas planeado ou calculado, desafiando as limitações das categorias convencionais de migração (Richmond, 1988, p.20).

A lente de investigação centra-se gradualmente no caso da Grécia e, conseqüentemente, em Lesbos enquanto local de trânsito e acolhimento, tanto no presente como no passado. De facto, é possível estabelecer uma analogia histórica entre o fenómeno migratório do período contemporâneo e o seu precedente, como referido por Anastasopoulou (2020, p. 16). Na ilha de Lesbos, a evidência desta correlação é manifestada pela presença de locais como o antigo campo de refugiados de Moria, que foi consumido pelas chamas em 2020 (Figura 1). Até à data, este campo era considerado um "site of struggle" (Siegel, 2021, p. 15), devido à violência quotidiana e à falta de condições básicas. No entanto, atualmente, permanece como uma sombra invisível e inquietante, o que suscita a hipótese de que Lesbos possa ser compreendida não apenas como uma local de trânsito, mas também como um terreno repleto de memória, onde o presente e o passado convergem, moldando ativamente os aspetos sociais, culturais e políticos do presente.



Figura 1. Mãos pintadas na parede do edifício que abrigava crianças desacompanhadas no Campo de Moria. © Matilde Gomes, 2024.

Desta forma, a ilha de Lesbos assume uma importância fundamental nesta investigação, uma vez que vários elementos da metodologia foram analisados e têm origem neste ponto geográfico, como quatro desenhos elaborados por pessoas em movimento, recolhidos no centro comunitário. Em conformidade com o exposto, a questão de investigação subsequente é apresentada: de que modo os museus, que atualmente promovem os princípios da democratização, inclusão e ativismo, podem acolher e representar o património difícil associado à migração contemporânea?

## **2. Estratégia Metodológica**

O presente estudo adotou uma metodologia qualitativa, que combinou trabalho de campo e revisão da literatura. Desta forma, articulando teoria e prática, o percurso metodológico assentou em três componentes principais: revisão bibliográfica, um estudo de caso, o Museum of Refugee Memory 1922 e, por fim, a análise multimodal de quatro desenhos produzidos por pessoas em movimento.

De facto, o cruzamento destas três dimensões permitiu construir uma compreensão integrada de museologia, migração e património. A fundamentação

teórica construída através da extensa revisão bibliográfica, composta por autores como Sandell (2019), Richmond (1988) e Clacherty (2024), permitiu identificar os debates e as lacunas na relação entre museus, património difícil e migração.

Em janeiro de 2025, foi realizada uma visita orientada, seguida de uma reflexão crítica sobre a informação transmitida e sobre aquilo que foi observado, no Museum of the Refugee Memory 1922, localizado a na aldeia de Skala Loutron. Foi possível proceder à análise do design espacial do museu, das narrativas de exposição e da sua história, associada à guerra greco-turca e à troca populacional de 1922, que resultou na formação de diversas comunidades de refugiados gregos nas ilhas do Mar Egeu. Consequentemente, foi possível questionar e refletir sobre o reduzido envolvimento desta instituição com a sua própria comunidade de descendentes dos refugiados de 1922, bem como com pessoas e experiências contemporâneas de migração, devido a diversos constrangimentos.

Por fim, os desenhos recolhidos no centro comunitário em novembro de 2024 foram submetidos a uma análise multimodal. A Figura 2 ilustra os quatro desenhos em consideração, cuja análise foi realizada através de uma descrição visual, seguida de uma interpretação contextual, de uma leitura temática e, por fim, de uma reflexão crítica. Importa ainda salientar que a idade dos autores é desconhecida, uma vez que os desenhos foram recolhidos após a sua produção e não houve qualquer tipo de diálogo ou entrevista com os seus autores.

Deste modo, a análise multimodal realizada é plenamente consciente da subjetividade e dos possíveis erros de interpretação. No entanto, uma vez que o contexto de produção é conhecido, foi possível identificar determinados aspetos e significados que se pretendiam transmitir. Assim, tanto de forma conjunta como individual, estes materiais oferecem uma interpretação diversificada dos elementos visuais e textuais, que, consequentemente, veiculam mensagens e potenciais significados. Em contrapartida, tais manifestações visuais de um fenómeno contemporâneo podem igualmente ser consideradas como evidências empíricas de

como a sua incorporação nos museus é viável, e até de como a sua interpretação como património emergente é plausível.

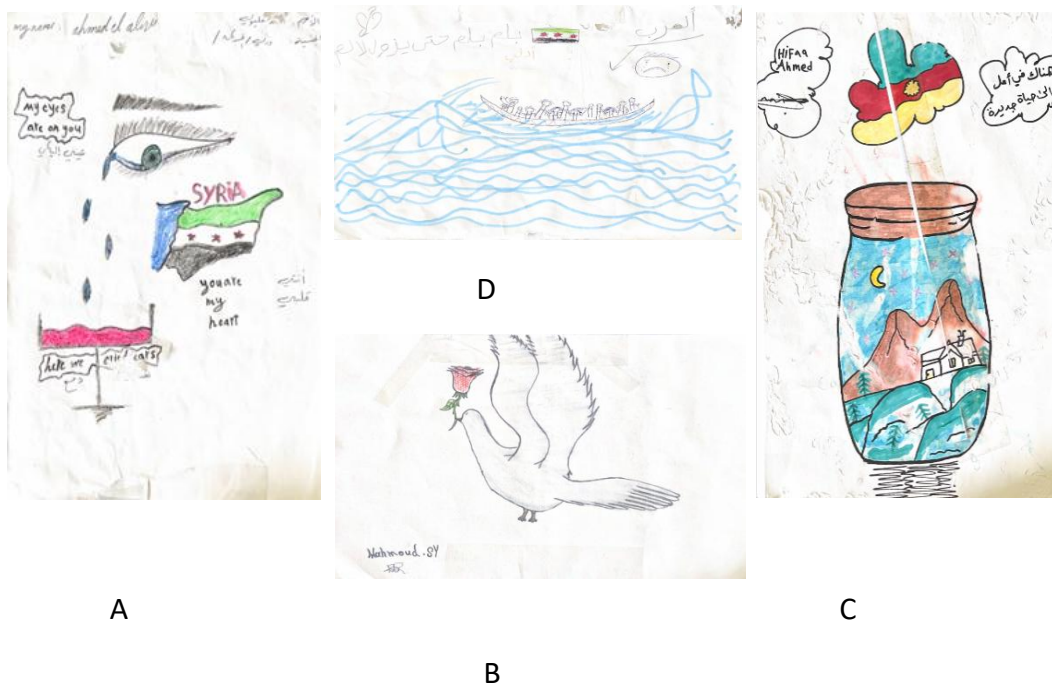


Figura 2. Os quatro desenhos recolhidos no centro comunitário. (a) © Ahmed El Aliru; (b) © Mahmoud; (c) © Hifaa Ahmed; (d) © autoria desconhecida. Fotografias de Matilde Gomes, 2024.

### 3. Ativar empatia e ativismo museológico numa ilha de memória

O raciocínio da investigação, fundamentado na teoria e em componentes mais práticos, resultou na criação de um quadro conceptual sólido para compreender a complexidade das experiências de mobilidade humana. Este estudo foca-se, sobretudo, na análise de como os museus podem funcionar como espaços inclusivos, empáticos e ativistas num mundo de transformações sociais contínuas. De facto, as mais recentes transformações teóricas na museologia evidenciam a necessidade de envolvimento dos museus com as narrativas migratórias contemporâneas, nas quais o museu tem de atuar como ativista e mediador de memórias, emoções e experiências sociais complexas.

Por outro lado, Lesbos, enquanto ilha de memória, demonstrou a sua ligação com uma linha que se transporta entre o passado e o presente no que diz respeito ao

fenómeno de migração. De facto, a ilha inteira está repleta de monumentos em homenagem aos refugiados gregos que regressaram a Lesbos a partir de 1922. Além disso, o estudo de caso do Museum of the Refugee Memory revelou que se trata de um museu reparador (Witcomb & Bounia, 2019, p. 14). Em suma, o objetivo principal não se esgota na preservação ou na interpretação dos objetos em exposição. O intuito também é restaurar o legado ancestral dos seus anteriores detentores.

Esta abordagem expositiva do museu evidencia heranças de famílias gregas ortodoxas, nomeadamente através de fotografias, objetos pessoais e vestuário. Adicionalmente, é possível observar heranças de origem muçulmana, representadas por uma exposição significativa em uma vitrine de grandes dimensões, que cobre uma das paredes do museu. Consequentemente, este facto suscitava uma sensação de pertença e consciência de um passado traumático que foi, de facto, coletivo, honrando também a história, a memória e as almas das famílias árabes que estavam na Grécia e que também se viram obrigadas a regressar à Turquia. Contudo, a ausência de referências expositivas aos movimentos e às pessoas afetadas pelas migrações contemporâneas foi laudatória, apesar das similaridades da experiência vivida entre ambas as comunidades, com apenas cerca de 100 anos a separar ambos os acontecimentos.

Por último, os quatro desenhos analisados demonstraram que expressões visuais espontâneas transmitem emoções, memórias e testemunhos. De facto, é possível identificar uma semelhança de temáticas, cujos temas e emoções expressos acabam por recair na nostalgia/esperança ou no trauma/medo.

Como exemplo ilustrativo, retomando a Figura 2, mais concretamente o desenho A, apresenta-se o esboço de um olho que chora, com lágrimas azuis a cair num recipiente cujo conteúdo ondula e apresenta uma tonalidade avermelhada. O olhar encontra-se orientado para uma figura que evoca as tonalidades da bandeira da Síria e apresenta uma forma semelhante aos limites deste território. Adicionalmente, é possível observar uma multiplicidade de elementos textuais, escritos tanto em árabe como em inglês, nomeadamente "my eyes are on you" à esquerda do olho, "here we cried our tears" por

debaixo do contentor ondulado avermelhado, e por fim, "Syria. You are my heart" por cima e por debaixo do esboço deste país.

De facto, a existência de excertos textuais em inglês e em árabe sugere a intenção do autor de comunicar com um vasto público a fim de ultrapassar obstáculos linguísticos. No que diz respeito ao conteúdo emocional, a expressão de preocupação no semblante e a presença de lágrimas, bem como as frases do desenho, sugerem um estado emocional inquietante e nostálgico da pessoa que o desenhou, do sujeito que o concebeu. O autor, que também assina o próprio nome, utiliza meticulosamente este papel para narrar uma história e assumir uma posição ativa, afirmando a sua verdade em relação à sua experiência de migração.

Desta forma, a análise dos quatro desenhos revelou-se crucial para esta investigação. As mensagens veiculadas pelos autores através destes materiais artísticos demonstraram ser poderosos testemunhos, interligando as temáticas da migração e do património, e suscitando a reflexão sobre a possibilidade de enquadramento dos mesmos em contextos museológicos, o que desafiaria os discursos institucionais sobre a migração.

## **Considerações Finais**

O fenómeno da migração contemporânea constitui uma preocupação do século XXI, tendo sido um ponto central desta investigação, através da utilização de uma perspetiva museológica. Efetivamente, esta investigação foi conduzida dentro de um quadro geográfico e temporal específico, cuja teoria reunida sobre diversos temas e os elementos de análise empírica levaram à conceção de Lesbos como um laboratório de museologia, na medida em que é um espaço crítico para refletir sobre o papel e a importância dos museus em relação à migração contemporânea e ao património que emerge deste fenómeno.

Neste sentido, os museus localizados em regiões como Lesbos, profundamente influenciados por movimentos migratórios do passado e/ou do presente, devem afastar-se da neutralidade e assumir uma posição ativista, promovendo o debate público, a

solidariedade e a transformação social diante de crises humanitárias contemporâneas. Ademais, os materiais artísticos concebidos por pessoas em movimento evidenciam a necessidade de incorporar a narrativa e o património destas pessoas nos espaços museológicos, reconhecendo a sua humanidade e presença. Trata-se de um ato de responsabilidade histórica, em que os museus assumem um papel central enquanto plataformas de memória coletiva, inclusão e transformação.

Em última análise, este estudo sublinha a capacidade transformadora de um diálogo crítico no domínio da museologia. Ao abordar a migração, a memória e o património como dimensões interligadas, apresenta-se um contributo para o reconhecimento dos museus como plataformas socialmente responsivas, capazes de fomentar a reflexão e novas formas de responsabilidade social, política e cultural.

## Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão às duas professoras orientadoras que contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento académico ao longo deste processo de investigação: a Professora Alice Semedo e a Professora Alexandra Bounia. Além disso, gostaria de agradecer à minha família e a todas as pessoas que conheci em Lesbos, que me ofereceram um pouco do seu coração e da sua história, inspirando-me a nunca desistir dos meus sonhos.

## Referências

- Anastasopoulou, M. (2020). Echoes of memories of forced displacement. The case of the Greek island of Lesbos. In Elzbieta M. Goz´dziak, Izabella Main and Brigitte Suter (Ed.), *Europe and the Refugee Response. A Crisis of Values?* (pp. 12–24). Routledge.
- Bezirgan-Taniş, B. (2024). Persistent catastrophes: slow memory and slow violence in exploring dark heritage. *Slovenský Národopis*, 72(4), 433–448. <https://doi.org/10.31577/sn.2024.4.34>
- Bishop, C. (2012). *Artificial hells: Participatory art and the politics of spectatorship*. Verso.
- Bull, A. C., & Hansen, H. L. (2015). On agonistic memory. *Memory Studies*, 9(4), 390–404. <https://doi.org/10.1177/1750698015615935>
- Foroughi, H., & Al-Amoudi, I. (2019). Collective Forgetting in a Changing Organization: When memories become unusable and uprooted. *Organization Studies*, 41(4), 449–470. <https://doi.org/10.1177/0170840619830130>

- Macdonald, S. (2009). *Difficult heritage: Negotiating the Nazi past in Nuremberg and beyond*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203888667>
- Pijnenburg, A., & Rijken, C. (2020). Moving beyond refugees and migrants: Reconceptualising the rights of people on the move. *Interventions: International Journal of Postcolonial Studies*. <https://doi.org/10.1080/1369801X.2020.185410>
- Richmond, A. H. (1988). Sociological theories of international Migration: the case of refugees. *Current Sociology*, 36(2), 7–25. <https://doi.org/10.1177/001139288036002004>
- Semedo, A. (2023). Pratiquer la présence : la fabuleuse vocation du musée-du-monde. *Culture & Musées*, 41, 93–118. <https://doi.org/10.4000/culturemusees.9877>
- Siegel, D. (2021). The 'Crises' of Lesbos. *Utrecht Law Review*, 17(4), 10–18. <https://doi.org/10.36633/ulr.745>
- UNESCO & The Hague Process on Refugees and Migration. (2008). *People on the move: Handbook of selected terms and concepts*. UNESCO Publishing.
- Vlachou, M. (2019). Dividing Issues and Mission-Driven Activism. Museum responses to migration policies and the refugee crisis. In R. Janes & R. Sandell (Eds.), *Museum Activism* (pp. 47–57). Routledge.
- Witcomb, A., & Bounia, A. (2019). The restorative museum: Understanding the work of memory at the Museum of Refugee Memory in Skala Loutron, Lesbos, Greece. In *The Routledge Handbook of Memory and Place* (pp. 13-21). Routledge

# Irene Canocchi

irenecanocchi2@gmail.com<sup>6</sup>

## **Um Espaço de Transformação entre Escola e Museu: Conceção de um Toolkit para Consciência Linguística e Aprendizagem Participativa**

---

<sup>6</sup> Este artigo apresenta uma síntese da dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intitulada *Museum- School Collaboration as a Site of Transformation: Designing a Toolkit for Language Awareness and Participatory Learning*, orientada pelas Professoras Doutoradas Alice Semedo (Universidade do Porto) e Maria Feliu (Universidade de Barcelona). A dissertação, redigida em inglês, encontra-se disponível em repositório de acesso aberto em: <https://hdl.handle.net/10216/169085>

## Resumo

Este artigo sintetiza os principais contributos da dissertação de mestrado em Museologia da autora, centrada na colaboração entre museus e escolas como espaço de aprendizagem transformadora. Com base na museologia crítica e no *educational turn*, analisa-se a evolução do museu enquanto espaço dialógico, participativo e socialmente comprometido, promovendo a aprendizagem crítica e coconstrução de significado. A investigação adota uma abordagem teórico-conceptual, sustentada na reflexão sobre a literatura e em quatro casos internacionais de colaboração museu–escola, selecionados pelo seu caráter inovador e participativo. Estes casos de estudo, juntamente com a reflexão crítica sobre a literatura existente, inspiraram a conceção do toolkit educativo *The Power of Words*, desenvolvido como recurso adaptável para apoiar práticas educativas sensíveis às problemáticas contemporâneas, à linguagem e às experiências dos jovens, sublinhando a importância do diálogo, da escuta ativa e da agência dos participantes.

**Palavras-chave:** educação em museus; colaboração museu–escola; consciência linguística

## Nota biográfica

Irene Canocchi é licenciada em Línguas, Literaturas e Estudos Interculturais pela Universidade de Florença, em Itália, o seu país natal. Sempre interessada em arte, gestão do património e museologia, deixou o seu país para realizar o Mestrado em Museologia na Universidade do Porto. Ao longo do seu percurso académico, teve a oportunidade de estudar em Granada e de colaborar em projetos de investigação na Universidade de Barcelona. Durante o mestrado, aprofundou especialmente o campo da educação museológica, tema sobre o qual desenvolveu a sua dissertação.

## Abstract

This article summarises the main contributions of the author’s master’s dissertation in Museology, focused on collaboration between museums and schools as a space for transformative learning. Drawing on critical museology and the educational turn, it examines the evolution of the museum as a dialogic, participatory and socially engaged space that promotes critical learning and the co-construction of meaning. The research adopts a theoretical and conceptual approach, grounded in a review of the literature and four international museum–school collaboration case studies selected for their innovative and participatory character. These case studies, together with a critical reflection on the existing literature, inspired the design of the educational toolkit *The Power of Words*, developed as an adaptable resource to support educational practices sensitive to contemporary issues, language and young people’s experiences, emphasising the importance of dialogue, active listening and participant agency.

**Keywords:** museum education; museum-school collaboration; language awareness.

## Biographical note

Irene Canocchi holds a Bachelor’s degree in Languages, Literatures and Intercultural Studies from the University of Florence, in Italy, her home country. Always interested in art, heritage management and museology, she moved to Portugal to pursue a Master’s degree in Museology at the University of Porto. Throughout her academic path, she had the opportunity to study in Granada and to collaborate on research projects at the University of Barcelona. During her Master’s studies, she developed a particular interest in museum education, which became the focus of her dissertation.

## Introdução

Este artigo apresenta uma síntese da dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), intitulada *Museum–School Collaboration as a Site of Transformation: Designing a Toolkit for Language Awareness and Participatory Learning*. O texto sintetiza as questões mais relevantes dessa investigação, centrando-se no papel educativo e social dos museus e na colaboração com as escolas como espaço de aprendizagem crítica, participativa e transformadora.

Nas últimas décadas, os museus têm vindo a atravessar uma transformação epistemológica significativa, afastando-se de modelos centrados na autoridade e na transmissão unidirecional de conhecimento para adotarem práticas mais dialógicas, inclusivas e participativas (Achiam et al., 2021; Dewdney et al., 2013; Hooper-Greenhill, 2000). Este reposicionamento, frequentemente associado ao *educational turn*, convoca instituições mais abertas à incerteza, ao pluralismo e à autorreflexividade, concebidas como espaços de investigação onde narrativas múltiplas e contestadas podem coexistir (Andermann & Arnold-de Simine, 2012; Falk & Dierking, 2016; Hohenstein & Moussouri, 2018; Semedo, 2020). O museu afirma-se como um espaço dinâmico de comunicação, no qual os visitantes co-construem significado de forma pessoal, intersubjetiva e crítica, evitando o risco de se tornar um lugar inerte e autorreferencial (Falk & Dierking, 2016; Hooper-Greenhill, 2007; Mascheroni, 2024).

Neste contexto, a colaboração entre escolas e museus emerge como uma estratégia privilegiada para promover a aprendizagem significativa, o envolvimento crítico e o desenvolvimento ético entre os alunos (Falk & Dierking, 2000; Hohenstein & Moussouri, 2018). A análise de casos inspiradores internacionais revelou princípios estruturantes — diálogo, co-criação de conhecimento, atenção aos processos de aprendizagem e valorização das experiências dos participantes (Fazzi, 2023; Feliu-Torruella et al., 2021; Garner et al., 2025; Ponce-Delgado et al., 2024). Estes princípios serviram de base para a conceção de práticas inovadoras, concretizadas no toolkit educativo *The Power of Words*. Este toolkit procura operacionalizar os conceitos teóricos e metodológicos da dissertação, oferecendo uma ferramenta prática para

promover a consciência crítica, a empatia e a reflexão sobre o papel da linguagem na construção de identidades e relações sociais.

## 1. Metodologia

No desenvolvimento da dissertação, adotou-se uma abordagem teórico-conceitual, sem recolha de dados empíricos. A investigação baseou-se numa análise crítica da literatura existente, complementada por casos selecionados de colaboração museu–escola, considerados fontes de inspiração e não modelos normativos. Esta abordagem orientou o desenvolvimento de um toolkit teoricamente fundamentado, potencialmente adaptável a práticas educativas participativas, embora ainda não tenha sido testado em contexto real. A principal limitação é a ausência de trabalho de campo direto; contudo, a análise sistemática de fontes contribuiu para atenuar esta restrição.

A investigação foi orientada por uma questão central: como podem museus e escolas colaborar para criar experiências de aprendizagem significativas, que promovam reflexão, diálogo e desenvolvimento crítico? A partir desta questão emergiram questões mais específicas que estruturaram o trabalho:

- Qual a relevância da educação em museus no contexto cultural e educativo contemporâneo?
- Que enquadramentos teóricos e pedagógicos sustentam uma colaboração museu–escola no âmbito da educação museológica crítica?
- Que dinâmicas institucionais, papéis profissionais e condições estruturais podem favorecer ou dificultar estas colaborações?
- Como pode ser concebida uma ferramenta metodológica que apoie museus e escolas na criação de experiências de aprendizagem sustentáveis?

Estas questões conduziram à definição dos objetivos da dissertação, que procuraram oferecer respostas teóricas e práticas, organizados da seguinte forma:

- Conceptualizar o museu como espaço dialógico e participativo, capaz de gerar co-criação de conhecimento e promover cidadania ativa;

- Analisar as condições epistemológicas, pedagógicas e institucionais que tornam significativas as parcerias museu–escola;
- Estudar as dinâmicas das visitas educativas, considerando os papéis e as interações entre educadores, professores e alunos;
- Desenvolver um toolkit adaptável, destinado a apoiar museus e escolas na co-construção de projetos educativos críticos e sustentáveis.

Desta forma, a metodologia adotada permite compreender não apenas o enquadramento teórico da dissertação, mas também os passos que orientaram a reflexão sobre práticas museológicas participativas, oferecendo bases sólidas para a elaboração de uma proposta prática.

## **2. Museus como espaços de aprendizagem crítica e transformação social**

O ponto de partida deste estudo situa-se na viragem museológica da década de 1970, quando Duncan Cameron (1972, p.11) problematizou o modelo tradicional do museu enquanto “templo” de autoridade e conservação, propondo sua reconfiguração como “fórum”: um espaço aberto ao debate, à participação e à experimentação, orientado para o diálogo público e para a construção coletiva de significado. Esta mudança conceptual abriu caminho ao desenvolvimento da nova museologia, que ampliou a compreensão das responsabilidades do museu para além de uma perspetiva centrada nos objetos, valorizando-o como agente implicado nos contextos sociopolíticos e no desenvolvimento local, através do reconhecimento do património humano e das identidades coletivas (Neu, 2024, pp. 53, 101).

Neste quadro, os museus assumem uma “primary responsibility to meet the needs of their communities”(Brown & Mairesse, 2018, p. 529). É neste ambiente de renovação que, a partir da década de 1990, o *educational turn* ganha expressão. De acordo com Lynch (2016, p. 257), este movimento dissolveu gradualmente as fronteiras entre a educação e a curadoria, historicamente marcadas por tensões profundas. Antes vista como uma força conservadora que limitava o envolvimento do público, a curadoria

passou a colaborar diretamente com as comunidades, reforçando o papel social e educativo da instituição. Neste processo, a prática curatorial transforma-se e passa a integrar estratégias pedagógicas. Como afirmam O’Neill e Wilson (2010, p. 12), a curadoria passa a operar como uma “expanded educational praxis”, incorporando mediação, participação e aprendizagem colaborativa como dimensões estruturantes da ação museológica contemporânea.

Se a nova museologia já havia deslocado o foco dos objetos para o envolvimento das comunidades, a museologia crítica aprofunda esta mudança ao adotar uma postura explicitamente política e reflexiva. O seu objetivo central é desconstruir narrativas dominantes e tornar visíveis os conflitos culturais que atravessam as práticas museológicas (Lorente, 2022, p.40). Nesta perspetiva, o museu é entendido como “an arena of political action, in which conflicts can be made visible, articulated, and worked through” (Sachs, 2016, pp. 15–16), onde a participação não se limita à inclusão, mas transforma-se em confronto crítico e na co-criação de significado.

A reflexão em torno do *post-museum*, como assinala Hooper-Greenhill (2000, p. 152), marca uma viragem epistemológica decisiva: o conhecimento deixa de ser único e absoluto para se tornar fragmentado, multivocal e situado. O museu deixa de assumir uma voz dominante e integra-se num diálogo plural com diferentes experiências, valores e perspetivas. Neste quadro surgem conceitos como o *para-museum* (Sternfeld, 2016, p. 185), que atua nas margens da instituição para expor os seus mecanismos de poder e propor novos modos de reflexão, ou o *interrogative museum* (Semedo & Freitas, 2017, p. 56), que questiona as suas próprias pressuposições e opera através do diálogo.

A educação crítica ocupa um lugar central neste processo, sendo concebida como uma prática transformadora, social e politicamente comprometida, capaz de impulsionar a mudança institucional e promover formas de “undisciplined knowledge production” (Sternfeld, 2016, p. 184). Neste contexto, o museu afirma-se agente público e intelectual, promovendo reflexão sobre as condições sociais e políticas de produção do conhecimento — um processo que Janna Graham (2016, p. 188) designa por “thinking with conditions” — e envolvendo o público como coautor do significado.

Distinguindo-se da museologia crítica, a museologia pós-crítica orienta-se para os desafios operacionais do campo museológico, promovendo uma relação mais estreita entre a reflexão teórica e a prática profissional (Brown et al., 2023, p. 181). A partir desta base, a museologia experimental avança um passo mais longe, defendendo a experimentação como modo de operação fundamental e traduzindo a reflexão crítica em práticas concretas de inovação, cocriação e participação ativa (Achiam et al., 2021, p. 136). Neste enquadramento, a intencionalidade educativa torna-se parte intrínseca da própria narração museológica: cada escolha de objetos constrói uma perspetiva do mundo, convidando o visitante não apenas a observar, mas também a refletir, dialogar e desenvolver a sua própria visão crítica da realidade (Guarcello & Nosari, 2019, pp. 9–10).

Neste percurso de transformações, o museu afirma-se como espaço de produção partilhada de conhecimento e de implicação social crescente. Torna-se, assim, um contexto privilegiado para o desenvolvimento de práticas educativas colaborativas e de processos de aprendizagem crítica. É neste horizonte que se inscreve a reflexão a seguir, centrada nas potencialidades e desafios da colaboração entre museus e escolas na construção conjunta de significado.

### **3. Colaboração museu-escola**

Os museus constituem ambientes privilegiados de aprendizagem informal (Anderson et al., 2003; Falk & Dierking, 2000, 2016; Hohenstein & Moussouri, 2018; Hooper-Greenhill, 2007; O'Neill & Wilson, 2010), oferecendo condições que contrastam com as estruturas mais rígidas da escola. Como destacam Falk e Dierking (2016, p. 107), a aprendizagem em museus caracteriza-se pela livre escolha (*free-choice*), permitindo aos visitantes decidir autonomamente o que observar e investigar, orientados pelas suas motivações e interesses. Estas experiências revelam um impacto a longo prazo, permanecendo na memória como momentos vividos e particularmente significativos (Falk & Dierking, 2016, pp. 203–204). Segundo o modelo contextual proposto por Falk e Dierking (2016, pp. 26–30), a aprendizagem em museus é condicionada pela interseção de três contextos principais: o pessoal, marcado pelos conhecimentos prévios e pelas

expectativas do visitante; o social, construído nas interações com colegas, professores e profissionais do museu; e o físico, definido pelo espaço e pelo design expositivo. A estes contextos acrescenta-se a dimensão temporal, relacionada com o tempo disponível, que molda os ritmos de observação, exploração e reflexão.

Neste enquadramento, a colaboração entre escolas e museus assume-se como uma verdadeira negociação cultural e profissional (Alderoqui & Pedersoli, 2012, p. 139), exigindo diálogo contínuo entre professores e educadores para alinhar necessidades, objetivos e modos de trabalhar. Do encontro entre educação formal e informal, (Raaijmakers et al., 2021, p. 2749) destacam o surgimento do *third space*, um contexto que permite aos alunos construir ativamente as suas identidades sociais e afirmar a sua autoridade epistémica, valorizando os seus conhecimentos e participando de forma significativa na criação de sentido. Assim, a relação escola–museu transforma-se num processo colaborativo que amplia as oportunidades de aprendizagem, reforça a agência dos alunos e consolida o museu como lugar de diálogo, experimentação e participação crítica.

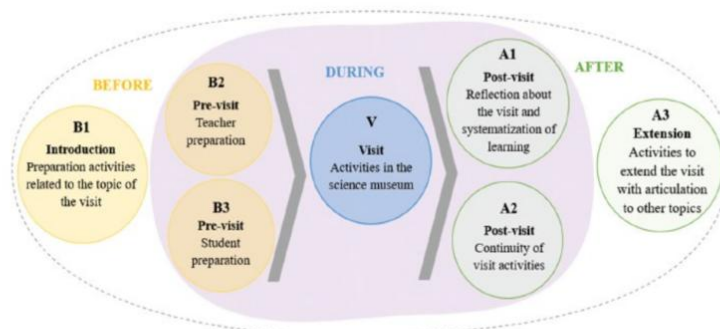
No meu estudo, o foco recai sobre as visitas escolares aos museus, encontros mais comuns entre educação formal e informal, nos quais é essencial ter em conta os papéis e as interações dos três agentes centrais — educadores museais, docentes e estudantes — dado que é através destas dinâmicas que também se constroem significado, aprendizagem ativa e experiências educativas enriquecedoras. No que se refere aos educadores de museus, estes assumem um papel central enquanto facilitadores da aprendizagem e mediadores críticos, apoiando processos cognitivos e emocionais, criando condições para o diálogo e promovendo espaços de participação significativa (Semedo & Freitas, 2017, p. 50). Este trabalho requer aquilo que Sandell (2003, como citado em Huang & Liem, 2022, p. 302) designa por *humildade cultural*: a capacidade de reconhecer como a própria posição institucional, pressupostos pessoais e relações de poder moldam a mediação, valorizando perspetivas diversas e contribuindo para a descentralização de narrativas dominantes. Ao incorporar esta atitude reflexiva e crítica, os educadores tornam-se agentes de mudança, capazes de

transformar a visita num momento inclusivo, dialogante e relevante para todos os participantes.

Relativamente às dinâmicas de interação entre docentes e estudantes, torna-se fundamental que os docentes adotem uma postura menos dominante e mais colaborativa. Como explicam DeWitt & Hohenstein (2010, pp. 466-467), comentários excessivamente avaliativos tendem a limitar a participação; pelo contrário, perguntas abertas ou pedidos de apoio – *request help* – estimulam envolvimento e autonomia. A influência entre pares também é determinante: como observam Falk e Dierking (2016, p. 28), a experiência museal é moldada pela interação social, e as trocas entre estudantes contribuem diretamente para a construção de significado. A eficácia das visitas escolares depende, contudo, da sinergia entre educadores e docentes, sustentada por uma comunicação clara e pela definição de objetivos partilhados (Gupta et al., 2010, p. 687). Weiland & Akerson (2013, pp. 1350-1351) destacam que, muitas vezes, não são necessárias estruturas complexas ou intervenções extensas: um esforço de coordenação simples, mas consciente e bem articulado, pode ser suficiente para aprimorar significativamente a qualidade da experiência educativa e intensificar o envolvimento dos estudantes. Neste contexto, torna-se particularmente relevante conceber atividades de aprendizagem alinhadas com o paradigma social contemporâneo, capazes de se articular com os desafios, valores e questões que influenciam a experiência dos alunos fora do ambiente escolar (Palacios & de Atalaya, 2025, p. 3).

As visitas escolares proporcionam benefícios educativos abrangentes, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da empatia (Krantz & Downey, 2021, p. 39). Para os museus, a colaboração com escolas permite alcançar maior impacto pedagógico e, simultaneamente, reforça o seu papel nos ecossistemas educativos (Falk & Dierking, 2016, p. 245). No caso dos docentes, as visitas escolares representam não apenas uma oportunidade de desenvolvimento profissional, mas também permitem uma compreensão mais aprofundada dos estudantes em contextos educativos distintos.

A planificação estruturada e a utilização de modelos pedagógicos, como o SVAF (School Visits Articulated Framework) (Fig. 1), favorecem o alinhamento entre as fases de pré-visita, visita e pós-visita, assegurando a coerência e a maximização do impacto educativo (Souza et al., 2023, p. 338). Um dos maiores desafios das visitas escolares é a sua avaliação, uma vez que os métodos tradicionais não conseguem captar a complexidade destas experiências. Por isso, privilegia-se uma abordagem qualitativa, orientada para a observação da curiosidade, das emoções e dos significados pessoais (Falchetti, 2013; Falk & Dierking, 2016; Garcia, 2012; Griffin, 2004). Também é interessante considerar a avaliação, conforme destacam Alderoqui & Pedersoli (2012, p.182), como um processo contínuo de investigação, destinado a recolher informações para analisar, rever e aprimorar as práticas do museu.



Note. Reprinted from *School Visits to Science Museums: A Framework for Analyzing Teacher Practices* (p. 338), by V. M. Souza, V. Bonifácio, & A. V. Rodrigues, 2023, *Journal of Science Teacher Education*, 34(4), 329–351. © 2023 Taylor & Francis.

Figura 1. School Visits Articulated Framework (SVAF). © Souza et al., 2023.

Em suma, a colaboração entre escolas e museus, estruturada e refletida, revela-se essencial para potenciar aprendizagens significativas, participação ativa e experiências educativas enriquecedoras. Este enquadramento teórico e prático fornece a base para compreender os princípios gerais dos casos inspiradores, cuja análise e a transição para uma proposta pedagógica — o desenvolvimento do toolkit *The Power of Words* — serão detalhadas no parágrafo seguinte.

#### 4. Da análise de casos inspiradores ao desenvolvimento do toolkit *The Power of Words*

A partir do enquadramento teórico e das reflexões sobre a colaboração escola–museu, a presente investigação possibilitou, nesta fase, a análise de quatro casos concretos de colaboração entre museus e escolas, resumidos na Tabela 1 e descritos na literatura (Fazzi, 2023; Feliu-Torruella et al., 2021; Garner et al., 2025; Ponce-Delgado et al., 2024). Apesar da diversidade de contextos e abordagens, a análise revelou princípios estruturantes comuns, como a centralidade do diálogo, a colaboração contínua entre instituições, a atenção aos processos de aprendizagem e a valorização da experiência dos participantes. Estes princípios fundamentaram a construção conceptual e metodológica desta investigação e inspiraram diretamente a elaboração do toolkit, sendo os casos utilizados como referências e fontes de reflexão, não como modelos a replicar.

Um elemento transversal aos casos analisados é o reconhecimento da colaboração escola–museu como um processo contínuo e intencional, sustentado por infraestruturas dialógicas, co-planeamento e práticas reflexivas. Destaca-se, em particular, a relevância da documentação e da reflexão contínua como ferramentas pedagógicas capazes de tornar visíveis os processos de aprendizagem e de orientar decisões educativas de forma responsiva. Igualmente importante é a compreensão alargada da linguagem enquanto prática cultural e multimodal, bem como a valorização do museu como espaço privilegiado para explorar narrativas, identidades e formas diversas de produção de significado (Fazzi, 2023; Feliu-Torruella et al., 2021; Garner et al., 2025; Ponce-Delgado et al., 2024). Estes princípios, sistematizados na Tabela 1, constituíram a base da proposta desenvolvida, dando origem ao toolkit *The Power of Words*, concebido a partir da articulação entre reflexão teórica e análise crítica dos casos estudados, e apresentado como apêndice da dissertação.

Tabela 1. Conceitos-chave dos quatro casos inspiradores de colaboração entre escolas e museus. Fonte: Elaborado pela autor a partir de Fazzi (2023), Feliu-Torruella et al. (2021), Garner et al. (2025) e Ponce-Delgado et al. (2024) © Irene Canocchi, 2025.

ESTUDO DE CASO	MODELO DE COLABORAÇÃO	IMPACTOS E RESULTADOS	ASPETOS INOVADORES E INSPIRADORES
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------------------

<b>1. Alargar o CLI para Além da Sala de Aula: Museus como Espaços de Aprendizagem Linguística Multimodal e Intercultural</b>	Co-design entre professores e educadores de museus	Desenvolvimento de competências linguísticas e empatia intercultural nos alunos; museus ganham oportunidades para refletir sobre práticas comunicativas e co-criar narrativas inclusivas e multilingues com as escolas	Compreensão aprofundada do poder da linguagem enquanto socialmente e ideologicamente marcada; ênfase na importância da expressão
<b>2. Modelo Reggio Emilia para a Colaboração Dialógica e Criativa Museu–Escola</b>	Instituições como co-construtoras e co-designers, assentes no diálogo; envolvimento de especialistas na abordagem de Reggio Emilia	Reforço do pensamento crítico e da criatividade dos alunos; promoção do desenvolvimento profissional de educadores de museus e escolas	O museu como espaço cívico e ambiente de possibilidades; valorização da diversidade de expressão e promoção do diálogo
<b>3. Educação Ambiental: um Modelo Transformador de Parceria Escola–Museu</b>	Design e enquadramento que ultrapassam fronteiras institucionais; programas de gestão ambiental em várias fases, alinhados com os currículos e prioridades ecológicas; envolvimento de profissionais da área ambiental e da comunidade	Reforço da compreensão científica e do sentido de agência dos alunos; colaboração escola–museu ao serviço de objetivos sociais e ecológicos	A gestão ambiental como meio de promover responsabilidade cívica; abordagem de questões contemporâneas; desenvolvimento de sensibilidade através do envolvimento direto com problemáticas reais; inclusão de atores diferentes
<b>4. Estratégia Colaborativa para Estimular o Potencial Criativo através da Sinergia Museu–Escola</b>	Estratégia colaborativa de longo prazo, em que museus e escolas co-constroem aprendizagens criativas; workshops preliminares com professores estruturados segundo a metodologia de Creative Problem Solving (CPS)	Desenvolvimento de competências sociais e colaborativas; estímulo das competências criativas; reforço do potencial criativo	Planeamento estruturado mas flexível e sensível ao contexto; ênfase na aprendizagem relacional, na autonomia dos alunos e na autoexpressão; forte enfoque na formação de professores

A escolha do tema justifica-se pela circulação crescente de discursos violentos e excludentes nos contextos digitais entre jovens, bem como pela necessidade de criar respostas educativas que promovam consciência crítica, responsabilidade ética e comunicação inclusiva. O toolkit propõe-se, assim, como uma ferramenta para apoiar

parcerias colaborativas entre escolas e museus, oferecendo um espaço seguro para diálogo e reflexão sobre as dimensões culturais, sociais e emocionais da linguagem.

Dirigido a alunos do ensino secundário, bem como a educadores, mediadores culturais e profissionais de museus, o toolkit *The Power of Words* assenta na compreensão da linguagem como força que molda perceções, relações e identidades. O museu é concebido como um espaço de escuta ativa e co-criação, onde as narrativas permanecem abertas à interpretação, ao questionamento e à transformação. Neste sentido, o toolkit promove práticas educativas participativas que incentivam o envolvimento ativo dos estudantes na construção de significado. A sua implementação organiza-se em três fases complementares: trabalho preparatório colaborativo entre docentes e educadores; desenvolvimento de atividades educativas contextualizadas, articulando momentos de pré-visita, visita e exploração no museu; e, por fim, reflexão e avaliação, consideradas como processos formativos e colaborativos, que permitem monitorar e aprimorar continuamente a experiência educativa. O toolkit integra quatro atividades principais — O Poder de Nomear; Palavras que Ferem, Palavras que Curam; Linguagem entre Culturas; e Storytelling e Representação — que exploram criticamente o papel da linguagem nos museus, nas relações sociais e na construção de identidades, abordando dimensões éticas e emocionais da linguagem, da comunicação intercultural e não verbal, e da visibilidade de narrativas e vozes sub-representadas.

Em síntese, o *The Power of Words* é o epílogo de um percurso que parte da teoria e da investigação, transformando-se numa proposta prática que mostra como os conceitos e os casos de estudo analisados foram aplicados para criar um recurso educativo concreto que promove a reflexão crítica, o diálogo, a participação ativa e reforça o papel do museu como agente social.

### **Considerações finais**

As reflexões apresentadas neste artigo resultam do trabalho desenvolvido no âmbito da dissertação de mestrado da autora e evidenciam o potencial da colaboração museu–escola como espaço privilegiado de aprendizagem crítica, de participação e de

transformação social. Ao articular contributos da museologia crítica, da educação museológica e da pedagogia participativa, o estudo reforça o papel do museu como agente educativo comprometido com o diálogo, a inclusão e a co-construção de significado. A conceção do toolkit *The Power of Words* materializa esta articulação entre teoria e prática, partindo da convicção de que a conceção de atividades educativas deve emergir da observação atenta da realidade social e responder a problemáticas contemporâneas. Neste sentido, a proposta assenta numa postura de escuta ativa da sociedade e numa sensibilidade particular às experiências, aos desafios e aos discursos que atravessam os jovens, afirmando a educação museológica como prática situada, ética e socialmente responsável.

## Agradecimentos

A autora expressa os seus sinceros agradecimentos à Professora Alice Semedo, pela orientação atenta e pelo constante incentivo a considerar diferentes perspetivas e a aprofundar a reflexão ao longo do desenvolvimento da dissertação. Agradece ainda à Professora Maria Feliu, da Universidade de Barcelona, pela oportunidade de aprofundar a investigação no domínio da educação museal e pelo apoio prestado durante o período de investigação em Barcelona.

## Referências

- Achiam, M., Haldrup, M., & Drotner, K. (2021). Experimental museology: Institutions, representations, users.
- Alderoqui, S., & Pedersoli, C. (2012). La educación en los museos: De los objetos a los visitantes (1a ed.).
- Andermann, J. , & Arnold-de Simine, S. (2012). Museums and the educational turn: history, memory, inclusivity. *Journal of Educational Media, Memory, and Society*, 4(2), 1–7.
- Brown, K., Cummins, A., & González Rueda, A. S. (2023). *Communities and Museums in the 21st Century*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003288138>
- Brown, K., & Mairesse, F. (2018). The definition of the museum through its social role. *Curator: The Museum Journal*, 32(2), 525–539.
- Cameron, D. F. (1972). The museum: A temple or the forum. *Cahiers d'Histoire Mondiale. Journal of World History. Cuadernos de Historia Mundial*, 14(1), 189.
- Dewdney, A., Dibosa, D., & Walsh, V. (2013). *Post Critical Museology: Theory and Practice in the Art Museum*. Routledge.

- DeWitt, J., & Hohenstein, J. (2010). School trips and classroom lessons: An investigation into teacher–student talk in two settings. *Journal of Research in Science Teaching*, 47(4), 454–473. <https://doi.org/10.1002/tea.20346>
- Falchetti, E. (2013). La valutazione dei processi educativi. Gli strumenti di valutazione nei musei: dalla teoria alla pratica. *Museologia Scientifica Memorie*, 10, 152–158.
- Falk, J. H., & Dierking, L. D. (2000). *Learning from Museums: Visitor Experiences and the Making of Meaning*. <https://ci.nii.ac.jp/ncid/BA52561241>
- Falk, J. H., & Dierking, L. D. (2016). *The Museum Experience Revisited*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315417851>
- Fazzi, F. (2023). Musei come luoghi ideali per l'apprendimento integrato di contenuti e lingua fuori dalla classe Dalla ricerca sul CLIL al progetto MILE ( Museums and Innovation of Language Education ) . In *La linguistica educativa tra ricerca e sperimentazione Scritti in onore di Carmel Mary Coonan*. Fondazione Università Ca' Foscari. <https://doi.org/10.30687/978-88-6969-683-1/019>
- Feliu-Torruella, M., Fernández-Santín, M., & Atenas, J. (2021). Building relationships between museums and schools: Reggio Emilia as a bridge to educate children about heritage. *Sustainability (Switzerland)*, 13(7). <https://doi.org/10.3390/su13073713>
- Garcia, B. (2012). What We Do Best. *Journal of Museum Education*, 37(2), 47–55. <https://doi.org/10.1080/10598650.2012.11510730>
- Garner, J. K., Kuhn, M., Rocchio, A. M., & Friedenreich, G. (2025). Learning and Belonging in a Museum-School Environmental Stewardship Partnership. *The Journal of STEM Outreach*, 8(1). <https://doi.org/10.15695/jstem/v8i1.02>
- Graham, J. (2016). Contemporary curating and museum education. In C. Mörsch, A. Sachs, & T. Sieber (Eds.), *The anatomy of an AND* (Vol. 14, pp. 187–202). Transcript Verlag.
- Griffin, J. (2004). Research on students and museums: Looking more closely at the students in school groups. *Science Education*, 88(S1), S59–S70. <https://doi.org/10.1002/sce.20018>
- Guarcello, E., & Nosari, S. (2019). I musei del futuro e la narrazione: l'esperienza museale come pratica di pretesto. *Elephant & Castle*, 21, 4–21.
- Gupta, P., Adams, J., Kisiel, J., & Dewitt, J. (2010). Examining the complexities of school-museum partnerships. *Cultural Studies of Science Education*, 5(3), 685-699.
- Hohenstein, J., & Moussouri, T. (2018). *Museum Learning: Theory and research as tools for enhancing practice*. Routledge.
- Hooper-Greenhill, E. (2000). *Museums and the interpretation of visual culture*. Routledge.
- Hooper-Greenhill, E. (2007). *Museums and education: Purpose, pedagogy, performance*. Routledge.
- Huang, H.-Y., & Liem, C. C. S. (2022). Social Inclusion in Curated Contexts: Insights from Museum Practices. *2022 ACM Conference on Fairness Accountability and Transparency*, 300–309. <https://doi.org/10.1145/3531146.3533095>

- Krantz, A., & Downey, S. (2021). Thinking About Art: The Role of Single-Visit Art Museum Field Trip Programs in Visual Arts Education. *Art Education*, 74(3), 37–42. <https://doi.org/10.1080/00043125.2021.1876466>
- Lorente, J. P. (2022). *Reflections on Critical Museology*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003263050>
- Lynch, B. (2016). Good for You, But I Don't care! In C. Mörsch, A. Sachs, & T. Sieber (Eds.), *Contemporary curating and museum education* (Vol. 14, pp. 255–268). Transcript Verlag.
- Mascheroni, S. (2024). Intrecci di senso. In B. Bodo, S. Mascheroni, & M. G. Panigada (Eds.), *Fare nuove le cose: Patrimonio culturale e narrazione, uno sguardo pluridisciplinare* (pp. 11–25). Mimesis.
- Neu, M. M. (2024). *A guide through sociomuseology: Roots and practices* (2nd ed.). Edições Universitárias Lusófonas. <https://doi.org/10.60543/fcsea/4erv-d976>
- O'Neill, P., & Wilson, M. (2010). *Curating and the educational turn*. Open Editions.
- Palacios, L. L., & de Atalaya, S. P. L. (2025). Mitos y Realidades en la Educación: Explorando la relación entre Escuelas, Museos y la Formación Docente. *Historia Social y de la Educación*, 14(1), 1–23.
- Ponce-Delgado, A., Pocevičienė, R., & Rubira-García, R. (2024). Developing Creative Potential in School Children through Museums as Cultural Institutions: A Case Study in Madrid, Spain. *Education Sciences*, 14(3), 261. <https://doi.org/10.3390/educsci14030261>
- Raaijmakers, H., Mc Ewen, B., Walan, S., & Christenson, N. (2021). Developing museum-school partnerships: art-based exploration of science issues in a third space. *International Journal of Science Education*, 43(17), 2746-2768.
- Sachs, A. (2016). Introduction. In C. Mörsch, A. Sachs, & T. Sieber (Eds.), *Contemporary curating and museum education* (Vol. 14, pp. 15–18). Transcript Verlag.
- Semedo, A. (2020). Border Pedagogy and Empowerment Education in Museums. In *Socializing Art Museums* (pp. 107–142). De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110662085-007>
- Semedo, A., & Freitas, V. N. (2017). Enquadramentos e reenquadramentos pedagógicos da autoridade em museus. In A. Shigunov, I. Fortunato, & J. M. Touriñán López (Eds.), *Educação não formal e museus: Aspectos históricos, tendências e perspectivas* (pp. 48–63). São Paulo: Edições Hipótese.
- Souza, V. M., Bonifácio, V., & Rodrigues, A. V. (2023). School Visits to Science Museums: A Framework for Analyzing Teacher Practices. *Journal of Science Teacher Education*, 34(4), 329–351. <https://doi.org/10.1080/1046560X.2022.2103010>

Canocchi, I. (2026). Um Espaço de Transformação entre Escola e Museu: Conceção de um Toolkit para Consciência Linguística e Aprendizagem. In A. Semedo, S. Duarte & M. Gomes (Eds.), *Ensaaios e Práticas em Museologia* (Vol. 13, 70-86). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-92-5/ensa6>

Sternfeld, N. (2016). Inside the post-representative museum. In C. Mörsch, A. Sachs, & - T. Sieber (Eds.), *Contemporary curating and museum education* (Vol. 14, pp. 175–186). Transcript Verlag.

Weiland, I. S., & Akerson, V. L. (2013). Toward Understanding the Nature of a Partnership Between an Elementary Classroom Teacher and an Informal Science Educator. *Journal of Science Teacher Education*, 24(8), 1333–1355. <https://doi.org/10.1007/s10972-013-9343-2>.



A

## ENSAIOS E PRÁTICAS EM MUSEOLOGIA 13

Respeita o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

(De 1990, aprovado pela Resolução da Assembleia da República n.º 26/91, de 23 de agosto, e ratificado pelo Decreto do Presidente da República n.º 43/91, de 23 de agosto)

Procura incorporar as Web Content Accessibility Guidelines

(WCAG 2.0)

É protegida pela Licença Internacional

*Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0*

(Detalhes da licença:

[creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/))



Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0

International License (CC BY-NC-SA 4.0)